

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA –
PROFHISTÓRIA**

JOÃO VITOR FERNANDES ANUNCIÇÃO

**O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA: DIÁLOGOS COM O
MOVIMENTO CULTURAL GUAICURU E O MEMORIAL
HENRIQUE DE MELO SPENGLER**

Campo Grande/MS

2022

JOÃO VITOR FERNANDES ANUNCIÇÃO

**O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA: DIÁLOGOS COM O
MOVIMENTO CULTURAL GUAICURU E O MEMORIAL
HENRIQUE DE MELO SPENGLER**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande/MS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Área de concentração: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Marinete Z. Rodrigues.

Campo Grande/MS
2022

C872c Anunciação, João Vitor F.

O ensino de História indígena: Diálogos com o Movimento Cultural Guaicuru e o Memorial Henrique de Melo Spengler / João Vitor Fernandes Anunciação. Campo Grande-MS: [s.n.],2022.

156f.; 30cm

Orientador (a): Marinete Z. Rodrigues

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande.

1. História – Ensino. 2. Crítica. 3. Autores. I. Título

CDD – 340.1

**O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA: DIÁLOGOS COM O
MOVIMENTO CULTURAL GUAICURU E O MEMORIAL
HENRIQUE DE MELO SPENGLER**

JOÃO VITOR FERNANDES ANUNCIÇÃO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SABERES
HISTÓRICOS EM DIFERENTES ESPAÇOS DE
MEMÓRIA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Marinete A. Zacharias Rodrigues (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr^a. Sandra Cristina de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Alexandre Pierezan
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Campo Grande/MS, 10 de agosto de 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DE SUL – UEMS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA –
PROFHISTÓRIA

*Dedico este trabalho aos Povos Guaicurus
e ao artista Henrique de Melo Spengler,
filhos das Estrelas que em um cometa
retornaram as suas origens, as Estrelas.*

AGRADECIMENTOS

Gratidão a toda a Família Anunciação, Fernandes dos Reis e Campos de forma especial a memória dos meus bisavós Sebastiana Magalhães da Anunciação e João Evangelista da Anunciação, descendentes da etnia Guaicurus/Paiaguás “benzedeira/parteira e canoeiro”, que chegaram por aqui pelas águas do rio Taquari oriundos do Pantanal e construíram as bases da minha família nas barrancas do rio Taquari, onde eu resido até hoje.

Agradeço a Escola Municipal Estudante William Tavares de Oliveira pela oportunidade que eu tive de desenvolver o projeto de ensino que se tornou objeto de pesquisa deste trabalho, aos meus colegas professores, coordenadores e direção pelo apoio durante o período em que trabalhei nesta unidade escolar, em fim aos meus queridos alunos que participaram do desenvolvimento do projeto.

A minha querida avó “dona Amor e ao meu querido avô Sr^o Tuzinho”, por ter me incentivado a buscar o conhecimento, de forma especial a minha querida avó dona Amor que partiu no ano de 2020, um mês antes de eu iniciar os estudos no mestrado. As minhas tias e tios Gelenice, Sebastiana e Mario, Vitor, José Afonso e Leidamar, João Júlio e Luciana e Gracindo, aos meus primos Jessyka, Afonso, Grazielly, João Lucas, Mariane e Julia, ao meu irmão Marcos Luiz, e ao professor e meu parceiro da vida Gleiton Candido por suas sabias correções. Aos meus queridos pais Afonso Celso e Jacira que em meio a muitas dificuldades sempre me incentivaram a estudar. Dedico de forma especial a minha madrinha e primeira educadora da família Maria Alarcon Campos e tio Marcelo.

A toda a “GRANDE FAMILIA”, Anunciação, Fernandes dos Reis e Campos a minha gratidão. A Deus e aos meus Guias, Santos e Santas por todas as bençãos que eu recebi durante esta caminhada rumo ao conhecimento, “Andar com fé eu vou que a fé não costuma faia” ... Enfim, ao eterno artista Henrique de Melo Spengler por ter nos deixado toda essa riqueza artística de resistência cultural dos Povos Guaicurus.

Gratidão.

“Guaicuru Estelar”

Cavalgando em seu cavalo, onde um dia foi um mar o último guerreiro sobe a nave estelar, seus ancestrais partiram em um cometa a viajar, a outras galáxias a paz encontrar.

Quando o Sol aparecer, entre nós não vai estar a lição que ensinou está no brilho das estrelas.

A tribo que aqui ficou, hoje toca o seu tambor fazendo a dança da paz e do amor, nova terra, novo mar, flores pra se plantar fecundar o chão com o verbo amar.

(Música: Guaicuru Estelar/Kurikaka e Márcio Almeida)

ANUNCIACÃO, João Vitor Fernandes. O Ensino de História Indígena: Diálogos com o Movimento Cultural Guaicuru e o Memorial Henrique de Melo Spengler. 2022. XX f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2022.

RESUMO

Este trabalho, desenvolvido no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), insere-se na linha de pesquisa Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória, discutindo as representações do artista plástico neonativista Henrique de Melo Spengler, o Movimento Guaicuru os métodos de ensino e aprendizagem nas aulas de História do povo Indígena dos Povos Guaicurus por meio do Memorial Henrique Spengler. Apresenta um estudo sobre as aulas de História indígena dos 8º anos do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Estudante William Tavares de Oliveira do município de Coxim-MS. Busca-se compreender como o artista plástico Henrique Spengler desenvolveu as suas artes sob inspiração dos povos Guaicurus e a influência do Movimento Cultural Guaicurus nas representações dos povos Guaicurus em MS, também objetiva-se descrever o projeto de ensino de História Indígena desenvolvido no espaço escolar. A pesquisa utilizou aportes teóricos do campo do Ensino de História e do Ensino de História indígena. Os resultados dão conta de que os saberes históricos construídos por estudantes em diferentes espaços da comunidade estão relacionados as suas vivências e representações referente a temática.

Palavras-chave: Ensino de História. Educação Indígena. Povos Guaicurus.

ANUNCIACÃO, João Vitor Fernandes. O Ensino de História Indígena: Diálogos com o Movimento Cultural Guaicuru e o Memorial Henrique de Melo Spengler. 2022. XX f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2022.

ABSTRACT

This work, developed within the scope of the Professional Master's Program in History Teaching (PROFHISTÓRIA), is part of the line of research on Historical Knowledge in Different Spaces of Memory, discussing the representations of the neo-nativist plastic artist Henrique de Melo Spengler, the Guaicuru Movement and the teaching and learning methods in the History classes of the Guaicurus Indigenous People through the Henrique Spengler Memorial. It presents a study on the classes of Indigenous History of the 8th grade of Elementary School II of the Escola Municipal Estudante William Tavares de Oliveira in the city of Coxim-MS. It seeks to understand how the plastic artist Henrique Spengler developed his arts under the inspiration of the Guaicurus people and the influence of the Guaicurus Cultural Movement in the representations of the Guaicurus peoples in MS, it also aims to describe the Indigenous History teaching project developed in the school space. The research used theoretical contributions from the field of History Teaching and Indigenous History Teaching. The results show that the historical knowledge built by students in different spaces of the community is related to their experiences and representations regarding the theme.

Keywords: Teaching History, Indigenous Education, Guaicurus people.

LISTA DE FOTOS/IMAGENS

Foto 01: Arraial de Belliágo, Foto de 1920.....	17
Foto 02: Vista aérea de São José da Herculânea atual Coxim, 1939.....	18
Foto 03: Vista aérea do Distrito de Silviolândia 2021 Coxim-MS.....	20
Foto 04: Fachada principal da Escola Municipal Estudante William Tavares de Oliveira...20	
Foto 05: Fachada lateral do Memorial Henrique Spengler Coxim-MS.....	32
Foto 06: Sala ambiente temática II gravuras neonativista de Spengler.....	33
Foto 07: Foto dos alunos dos 8º anos no primeiro dia de desenvolvimento do projeto.....	34
Foto 08: Título: Abstração Kadiwéu Autor: Henrique de Melo Spengler.....	49
Foto 09: Abstração neonativista Autor: Henrique de Melo Spengler.....	50
Foto 10: Abstração Guaicuru Autor: Henrique de Melo Spengler.....	54
Foto 11: Dinâmica da cor, Autor: Henrique de Melo Spengler.....	76
Foto 12: Acervo pessoal, aulas no espaço do Memorial.....	80
Foto 13: Henrique de Spengler de Melo, acervo Memorial.....	88
Foto 14: Geometria Kadiwéu, Power point do autor.....	86
Foto 15: O Brasil é indígena, Power point do autor.....	86
Imagem 01: Memorial Henrique Spengler/Coxim-MS.....	87
Imagem 02: Imagem do autor, Outubro de 2019.....	66
Imagem 03: Currículo de Referencia de Mato Grosso do Sul.....	68
Imagem 04: Gêneros Orais e Escritos na Escola Joaquim Dolz 2001.....	70
Imagem 05: Representações iconograficas Guaicuru 1970.....	73
Imagem 05: Colagem Manifesto artistico Guaicuru.....	77
Imagem 07: Bandeira Guaicuru, Power point do autor.....	81
Imagem 08: Henrique Spengler, Power point do autor.....	82
Imagem 09: Bandeira Guaicuru, Power point do autor.....	82
Imagem 10: Traços iconograficos Kadwéu, Power point do autor.....	83
Imagem 11: Movimento Guaicuru, Power point do autor.....	83
Imagem:12: Três nações Guaicuru, Power point do autor.....	84
Imagem 13: Paineis Memorial Henrique Spengler, Power point do autor.....	84
Imagem 14: Arte Kadiwéu, Power point do autor.....	85
Imagem 15: Arte Kadiwéu em couro, Power point do autor.....	85
Imagem 16: Geometria Kadiwéu, Power point do autor.....	86
Imagem 17: O Brasil é indígena, Power point do autor.....	86
Imagem 18: Ícone indígena para recortar.....	91
Imagem 19: Dado para recortar.....	92
Imagem 20: Cavaleiro Guaicuru.....	92
Imagem 21: Orientações de como jogar.....	93
Imagem 22: Desafio 01.....	93
Imagem 23: Desafio 02.....	94
Imagem 24: Desafio 03.....	94
Imagem 25: Desafio 04.....	95

Imagem 25: Desafio 05.....	95
Imagem 26: Desafio 06.....	95
Imagem 27: Desafio 07.....	96
Imagem 28: Desafio 08.....	96
Desafio 29: Desafio 29.....	97
Imagem 30: Desafio 10.....	98
Imagem 31: Jogo Trilha Guaicuru.....	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNE – Conselho Nacional da Educação

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

ONG – Organizações não Governamentais PNE – Plano Nacional da Educação

PPP – Projeto Político Pedagógico

UFMS- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E.M.E.W.O- Escola Municipal Estudante William Tavares de Oliveira

UEMS- Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

MCG- Movimento Cultural Guaicuru

ASL- Academia Sulmatogrossense de Letras

LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo e Assexuais)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I – ANÁLISE DE UM DOCUMENTO/MONUMENTO: REPRESENTAÇÕES SUL-MATO-GROSSENSES NAS OBRAS DE HENRIQUE DE MELOSPENGLER.....	16
1.1 A História do Município de Coxim e da Escola Municipal Estudante William Tavares de Oliveira - Distrito de Silviolândia, como surgiu e como Coxim resistiu	16
1.2 A nação Guaicuru e seus valores iconográficos: A divisão do Estado marca a construção da cultura dos sul-mato-grossenses	21
1.3 As aulas de História Indígena a partir das obras de Artes visuais de Henrique Spengler....	29
CAPÍTULO II – REGISTROS DE UMA IDENTIDADE CULTURAL: AS REPRESENTAÇÕES E VIVÊNCIAS DOS ALUNOS NAS AULAS DE HISTÓRIA INDÍGENA	47
2.1 Técnicas utilizadas na linguagem estética das obras	51
2.2 Contexto histórico da construção das obras de arte	54
2.3 O uso geométrico e abstrato dos Kadiwéus nas obras do artista visual Henrique de Melo Spengler	59
CAPÍTULO III - SEQUÊNCIA DIDÁTICA GUAICURU E A TRILHA PEDAGÓGICA CULTURAL	67
3.1 A sondagem como meio de diagnosticar o nível de conhecimento dos alunos	69
3.2 Produto Final: Sequência Didática “ Diálogos com o Movimento Cultural Guaicuru e o Memorial Henrique de Melo Spengler”, e a construção de um Jogo Pedagógico “Trilha cultural do conhecimento Guaicuru”.....	73
CONCLUSÕES.....	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	103

INTRODUÇÃO

O artista, ao mesmo tempo em que é fruto de sua história, é capaz de se adiantar a ela, ultrapassando alguns valores consagrados de sua cultura. É capaz de reinventá-la, ao romper com ela, mostrando nova maneira, novo olhar, novo modo de falar sobre o mundo (Idara Duncan, Yara Penteado, 2005, p. 10).

A presente dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, visa analisar o Contexto histórico da formação do Movimento Cultural Guaicuru, liderado pelo artista plástico Henrique de Melo Spengler e o Ensino de História Indígena desenvolvido nas turmas dos oitavos anos do Ensino Fundamental na Escola Municipal Estudante William Tavares de Oliveira no município de Coxim-MS.

Diante da deficiência de estudos relacionados à História Indígena da etnia Guaicuru no ensino de História, surgiu a necessidade do professor da disciplina de História trabalhar a temática com os alunos da referida escola analisando a História contida no patrimônio arquitetônico e cultural do Município denominado “Memorial e Centro de Documentação Henrique de Melo Spengler” e o Movimento Cultural Guaicuru, que patrimonializou fragmentos da cultura material da etnia Guaicuru.

Nesse sentido, objetiva-se com o presente estudo analisar as representações e vivências do artista plástico Henrique de Melo Spengler durante a sua passagem pelo Movimento Cultural Guaicuru, também este estudo descreverá uma Sequência Didática desenvolvida com os alunos dos oitavos anos da E.M.E William Tavares de Oliveira que contou com visitas guiadas, aulas temáticas e rodas de conversas no interior da instituição. Durante um mês em 08 aulas de 50 minutos, os alunos vivenciaram o contato com a Cultura, História e Vivências da etnia indígena dos povos Guaicurus que no passado habitaram e continuam habitando de forma pulverizada na formação étnica do povo sul-mato-grossense, possibilitando aos alunos uma formação escolar voltada para a educação do patrimônio histórico-cultural local e a percepção da pluralidade étnica existente no Brasil assim como a superação de estigmas existentes em relação aos indígenas.

A metodologia utilizada terá como norte os referenciais teóricos do Ensino de História, Ensino de História Indígena, com enfoque na cultura da etnia dos povos Guaicurus,

em diálogo com as discussões contemporâneas sobre Ensino de História Indígena no ensino de História, com ênfase nas relações culturais e o conhecimento no campo historiográfico, tendo como experiência educativa a Sequência Didática desenvolvida com os alunos dos oitavos anos da Escola Municipal Estudante William Tavares de Oliveira, o produto final deste trabalho será um modelo de sequência didática de história indígena guaicuru e uma trilha pedagógica cultural guaicuru.

A Sequência Didática corresponde a um conjunto definido de atividades projetadas para atingir objetivos educacionais específicos. Está organizada em torno do tipo de texto (oral ou escrito) ou conteúdo específico e pode envolver diferentes componentes das aulas. A escolha do modelo de sequência didática está relacionada ao que o professor pretende alcançar com base nas necessidades dos alunos.

Independentemente do modelo escolhido, na perspectiva sociointeracionista, esses objetivos e necessidades se baseiam nos seguintes princípios de ensino: avaliação do conhecimento prévio dos alunos; ensino centrado no problema; ensino reflexivo, com ênfase na explicação oral; ensino interativo e sistêmico; ensino centrado do conhecimento; utilizando atividades diversas, desafiadoras e com possibilidade de progresso (das mais simples às mais complexas), possibilitando que uma única atividade mobilize diferentes saberes e estimule diferentes habilidades. Nessa perspectiva, os estudantes são os protagonistas na construção do seu conhecimento.

A Trilha Pedagógica da Aprendizagem é um método de desenvolvimento que tem como foco a integração de diferentes tecnologias de ensino e pode ser aplicado em diversas situações e grupos, são apresentadas em formato de texto (números e palavras), os alunos podem manipular os materiais de forma independente, movendo os pinos no quadro. Com o objetivo de transformar a aprendizagem em algo lúdico e uma das principais características dessa ferramenta pedagógica. Possibilitando aos alunos o entendimento de cada etapa que precisam percorrer para desenvolver o conhecimento e podem seguir esse caminho em seu próprio ritmo. Além disso, a utilização de textos, vídeos, áudios e outros recursos tornam o percurso de aprendizagem dinâmico e permite a interação dos alunos com os conteúdos estudados.

1. ANÁLISE DE UM DOCUMENTO/MONUMENTO: REPRESENTAÇÕES SUL-MATO-GROSSENSSES NAS OBRAS DE HENRIQUE DE MELO SPENGLER

Embora Mato Grosso do Sul como Estado seja novo, o processo histórico do seu povo é muito antigo. As referências humanas mais antigas, conhecidas, reportam-nos antecedentes que aí viveram cerca de onze mil anos atrás, época em que as famílias nômades, de coletores e caçadores paleolíticos, vagueavam pela imensidão das terras deixando testemunhos nos morros, marca de sua existência (FERREIRA, 2003, pg 14).

1.1 A História do município de Coxim e da Escola Municipal Estudante Willim Tavares de Oliveira - Distrito de Silviolândia, como surgiu e como Coxim resistiu

Segundo o memorialista regional João Ferreira Neto, as bandeiras destinadas às minas do rio Cuiabá, após passarem pelo Varadouro de Camapuã, seguiam pelas águas caudalosas do rio Coxim, que recebe muita água de seu principal afluente, o Jauru, tornando o rio Coxim o principal afluente do rio Taquari, João Ferreira Neto destaca que:

As bandeiras com destino às minas do rio Cuiabá, após transpor o Varadouro de Camapuã, prosseguiram pelas águas turbulentas do Coxim que recebia do seu principal afluente, o Jauru, grande volume d'água, tornando o rio Coxim principal afluente do Taquari, por sua vez principal afluente do Paraguai (FERREIRA, 2003, pg 15).

No rio Taquari, duas léguas abaixo da foz do rio Coxim, havia um conjunto de choupanas chamado “Arraial de Belliago”, segundo João Ferreira Neto:

Esse era o nome que se dava a um local na margem esquerda do caudaloso rio, precisamente na foz de um córrego, com o mesmo nome, onde os sertanistas Domingos Gomes Belliago, Manoel Antônio de Souza Bastos e Manoel Caetano, acompanhados pelos padres franciscanos: Antônio de Moraes, Manoel de Macedo e José Frias fundaram um Arraial, onde plantaram de tudo, transformando o lugar um importante ponto de apoio aos monçoeiros (FERREIRA, 2003, pg 12).



Foto 01: Arraial de Belliago, Foto de 1920

Em 1850, foi estabelecido um destacamento militar na margem direita do Rio Piquiri, localizado na Fazenda Santa Lúcia, por decreto aprovado pelo Presidente da Assembleia Legislativa Antônio Pedro de Alencastro, fundado com o objetivo de tentar consolidar as bases para uma colonização da área. A instalação desta unidade militar marca o início do processo de deslocamento da população da insegura Vila de Belliago para as proximidades do destacamento militar, buscando proteção contra os constantes ataques dos temidos índios Guaicurus que não admitiam a presença dos brancos em seu território.

O objetivo da colônia era assentar os índios Caiapós de Goiás, e também pretendia construir uma projeção em linha reta pelo sertão de São Paulo a Cuiabá sem dividir Goiás, conforme expressamente determinada pelo governo imperial. Outro fator determinante do surgimento da nova povoação foi a sua localização em um ponto estratégico que facilitava o acesso à rota dos carros de boi em direção a Goiás e ao Triângulo Mineiro - a estrada salineira.

Em 25 de novembro de 1862, através da Resolução nº 9, o governo da Província do Mato Grosso resolveu, finalmente, atender à vontade do que restava dos habitantes de Belliago e criou, agora na margem direita do rio Taquari, um destacamento militar que recebeu a denominação de Núcleo Colonial do Taquari. A vila que ali se formou tinha

melhor acesso aos municípios do sul de Goiás, o que desenvolveu rapidamente o comércio e fez com que fosse, apenas dez anos depois elevada à categoria de Freguesia, por lei provincial de 1872.

Depois da Guerra do Paraguai viu-se imprimir um ritmo mais acelerado de progresso na povoação e adjacências. Até que em 1898 a Freguesia de São José da Herculânia foi elevada a categoria de município pela Resolução nº 202 de 11 de Abril de 1898.



Foto 02: Vista aérea de São José da Herculânea atual Coxim, 1939.

A palavra Coxim origina-se da etnia dos Bororos que devido a abundância de cajueiros silvestres encontravam-se na confluência dos rios Coxim e Taquari, o local foi por eles denominado como localidade dos cajueiros “Cojin Cajú”, Coxim.

Coxim possui uma vasta extensão de sua área territorial na região do Pantanal. A extensão territorial de Coxim, quando da sua criação abrangia os municípios de Itiquira, Rio Verde de Mato Grosso, Sonora, Pedro Gomes, São Gabriel do Oeste, Alcinópolis, Camapuã, Costa Rica e Rio Negro, seus limites demarcavam uma área territorial de 53.034 quilômetros quadrados.

Atualmente a população de Coxim está estimada em aproximadamente 33.000 mil habitantes. A pecuária, agricultura e o comércio formam a base econômica do município de Coxim, o município foi se tornando um polo de prestação de serviços na região norte de

Mato Grosso do Sul. Também com a chegada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS e Instituto Federal de Mato Grosso do Sul-IFMS, o município também se tornou polo universitário regional.

Silviolândia nome dado a um distrito localizado a 7 Km da região central do município de Coxim, tem a sua origem com a chegada de colonos e assentados que devido ao processo de êxodo rural na região do município na década de 1960, muitas famílias se mudaram para essas terras devolutas do Estado com o objetivo de ficar mais próximas dos recursos oferecidos pela cidade.

No início da década de 1970 a região recebeu muitas famílias migrantes nordestinas, e o então prefeito Silvio Ferreira mandou desmatar o cerrado daquela região e assim abrir as primeiras estradas, construindo a primeira Escola, Posto de Saúde e casas de tijolos de adobe para as famílias assentadas.

Inicialmente o distrito se chamava Núcleo Colonial do Taquari e após a morte do prefeito passou a se chamar Silviolândia, hoje o distrito conta com aproximadamente 1.500 habitantes ,possui um Posto de Saúde, uma Escola Municipal denominada “Estudante William Tavares de Oliveira”, 03 mercados, 02 conveniências, 01 praça de lazer com quadra desportiva e é cortada pela rodovia estadual com saída para o Estado de Goiás, tornando-se uma rota de muito fluxo de veículos.



Foto 03: Vista aérea do Distrito de Silviolândia 2021 Coxim-MS



Foto 04: Fachada principal da Escola Municipal Estudante William Tavares de Oliveira

A denominação da Escola Estudante William Tavares de Oliveira, deu-se pela homenagem a um estudante com o nome de William Tavares de Oliveira, nascido em 22 de abril de 1977 em Bauru-SP. Chegando em Coxim, aos cinco anos ingressou na Escola Pedro Mendes e no ano de 1988 matriculou-se no 2º Grau na Escola Viriato Bandeira interrompendo seus estudos por motivo de saúde para que ele pudesse realizar tratamento médico especializado. No ano de 1989 matriculou-se novamente no 2º Grau, já com uma das pernas amputada e mesmo assim, consegue frequentar a escola, mesmo muito doente, não se quer deixar vencer pela doença, mas faleceu no dia 23 de junho de 1989 por insuficiência. Por esse motivo, prestou-se então a homenagem ao jovem estudante colocando o seu nome na referida escola.

A Escola foi criada pelo Decreto nº 5.416 de 16 de março de 1990, publicado no Diário Oficial nº 2768 de 16 de março de 1993 e atende os estudantes do Distrito de Silviolândia e da Zona Rural do Município de Coxim. Esses estudantes são oriundos de famílias que residem no distrito ou moram nas regiões da zona rural de Coxim que são referenciadas na Escola Pólo William Tavares.

Os alunos da referida Escola são filhos de trabalhadores do campo, acordam por volta das 03:00 horas da manhã para pegar ônibus e muitos dos estudantes realizam apenas uma refeição por dia na Escola devido as vulnerabilidades sociais nas quais suas famílias se encontram. Outro aspecto do perfil dos estudantes são as diversas formas de violências que eles estão inseridos, seja no contexto familiar ou na comunidade, altas taxas de drogadição e alcoolistas, além da instabilidade de permanência no local que residem.

Esses fatores das múltiplas configurações das desigualdades sociais na qual a escola está inserida foi pensado durante o desenvolvimento do Projeto de Ensino, já que para muitos estudantes foi a primeira vez que saíram do distrito e foram conhecer a instituição museológica Henrique Spengler.

Durante o desenvolvimento do projeto a euforia e o deslumbre em conhecer lugares nos quais eles nunca tinham ido antes foi nítido em suas falas e olhares curiosos com os espaços de memória da instituição Memorial Henrique de Melo Spengler, revelando uma geração privada de acesso a cultura, lazer e educação reproduzindo as desigualdades sociais nas quais seus pais foram vitimizados.

1.2 A nação guaicuru e seus valores iconográficos: A divisão do Estado marca a construção da cultura dos sul-mato-grossenses

O Brasil é um país muito extenso o que contribui para uma diversidade cultural significativa. Isto se percebe também em algumas cidades das regiões norte e sul de Mato Grosso antes da divisão. Aline Cana Verde cita que em 1977 surgiram muitas dúvidas sobre a identidade cultural desse novo Estado que recebeu o nome de Mato Grosso do Sul. “Mato Grosso deixa de ser um para repartir-se em dois Estados, Mato grosso com a capital em Cuiabá e Mato Grosso do Sul com sede administrativa em Campo Grande, cada qual com suas características próprias”.² Sendo a história de Mato Grosso do Sul uma discussão da construção identitária, serão abordadas questões fundamentadas na cultura desse tão novo Estado, que trazem uma realidade imposta aos sul-mato-grossenses, pós-movimento divisionista do Mato Grosso.

A criação do Estado de Mato Grosso do Sul possui uma série de interpretações sendo

resultado de um longo movimento, com características socioeconômicas e culturais que permearam sua formação histórica. Marisa Bittar, que trata do assunto sobre a “origem das classes sociais dominantes,” enfatiza que o Estado de Mato Grosso do Sul nasceu depois de uma longa jornada de poder das elites sul-mato-grossenses, “dos grupos políticos hegemônicos do sul de Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul” (BITTAR, 2009, p. 18). Contando com a elaboração de criação de um novo Estado, Marisa Bittar evidencia que:

Na trajetória da criação de Mato Grosso do Sul, a classe dos grandes proprietários de terras contou com a elaboração de ideias sobre a necessidade de um novo estado, fazendo com que o seu projeto fosse incorporado pela sociedade, tornando-se hegemônico. Ela gerou seus próprios intelectuais. Esses intelectuais atuaram na obtenção de convencimento, tanto de forma individual quanto coletiva (BITTAR, 2009, p. 18).

Sendo assim, reconhecer a construção da história das ações do homem remete a pensar quais as razões da busca por uma identidade. A divisão marca, gradativamente neste período, a estruturação urbana na região sul-mato-grossense. Assim, o Movimento Cultural Guaicuru lutou em defesa da arte e dos artistas, em busca de melhores condições para quem trabalha com artes visuais, uma luta pela conquista da cidadania e da preservação das raízes dos sul- mato-grossenses. E nesse processo, Maria da Glória situa o porquê deste movimento em específico:

O que caracteriza acima de tudo o movimento Guaicuru é a amplitude das ações, onde cabem todas as tendências, num discurso aberto, livre de preconceitos, preocupados em valorizar o talento a invenção. A preservação da memória é uma das grandes metas do movimento, a partir do signo emblemático Guaicuru, inspirados nos primeiros habitantes deste Estado, famosos pela audácia com que se lançavam à luta, na defesa do solo pátrio. Para o Movimento Guaicuru o passado deve servir de base à construção do presente e do futuro, a fim de que uma linha contínua de pensamentos e de ações marque a presença do homem sul-mato- grossense e suas conquistas. Afinal de contas só através do resgate da memória é possível fazer-se o inventário da cultura e assim chegar-se à obtenção da própria identidade (ROSA, 1994, p. 1)

Nesse contexto, o Guaicuru/Kadiwéu passou a ser conhecido e a ter importância existencial, sendo referencial da identidade cultural do povo de Mato Grosso do Sul. O Movimento Cultural Guaicuru tinha como meta a divulgação dos valores culturais existentes na região, visto que a preservação da memória era a principal função do movimento, pois para os intelectuais o passado era o centro das discussões para a construção do presente e do futuro, podendo chegar à obtenção da identidade.

Henrique de Melo Spengler foi um dos precursores que estava à frente desse movimento, aproveitando os fenômenos estéticos dos indígenas, ou seja, as cores e os ícones da arte Guaicuru/Kadiwéu como elemento da construção de suas obras, contribuindo assim para a o registro da arte guaicuru/Kadiwéu, da cultura nativa de Mato Grosso do Sul.

Por meio de sua arte e militância, Henrique Spengler contribuiu para a revitalização da identidade cultural, fazendo com que a memória iconográfica dos indígenas permaneça viva, à medida que ele as utiliza em suas artes visuais. Assim, remetendo ao compromisso e à responsabilidade individual ou coletiva da preservação dos valores da identidade de um ancestral comum. Neste sentido, o termo indígena Guaicuru, até então pouco conhecido, passou a ter importância e a ser referencial na história com características e valores culturais do homem sul-mato-grossense, que se referem, na contemporaneidade, aos valores de uma etnia, as quais Henrique Spengler destaca em seus trabalhos em uma série de abstrações iconográficas dos nativos ressaltando na estética e no processo histórico a cultura mbyá-Kadiwéu-Guaicuru.

Neste contexto, o indígena da região denominado Guaicuru até então pouco conhecido passou a ter importância para a identidade cultural do povo de Mato Grosso do Sul, assim:

“Guaicuru” é ao mesmo tempo essência e símbolo histórico cultural do povo deste Estado; e a configuração épica do homem nativo, consciente, guerreiro, lutador, resistente, autônomo, independente, que, por muito tempo a partir do pantanal, dominou de forma absoluta, sob égide de “cavaleiro guaicuru”, o atual território do Estado de Mato Grosso do Sul (SPENGLER, 1999, p. 6).

Dessa forma, o Movimento Cultural Guaicuru que nasceu na difusão do processo

histórico da divisão do Estado, constitui-se um marco na busca de respostas sobre a identidade de um povo, visto que o movimento recebeu intelectuais que nele encontravam identificação e afinidade. O movimento cresceu e ganhou força expandindo-se para outras cidades, como Dourados e Coxim sendo que, em Coxim, Henrique Spengler trabalhou diretamente na área cultural e nas produções artísticas do Estado. A revista MS Cultura enfatiza as particularidades deste movimento após a divisão do Estado:

Com vistas à descentralização, o movimento expandiu-se com a criação de sucursais em Dourados e em Coxim. Desenvolveu atividades em municípios do Estado, a exemplo de Coxim, onde implantou um projeto pedagógico, que credenciou o movimento Guaicuru como organização não-governamental. (SPENGLER, 1996, p. 17)

Pensando em seu Estado, o historiador Henrique Spengler, preocupado com questões relacionadas com a memória histórica, aponta que todos são sujeitos históricos e são envolvidos nos fatos históricos. Pode-se perceber que, a partir de 1977 a sociedade de Mato Grosso passou por uma revolução concernente à cultura, onde os índios passam a ter uma relação de poder, embora Mato Grosso do Sul como Estado seja novo, a formação histórica da sociedade do novo Estado é muito antiga.

A autora Maria da Glória retrata sobre a visão da sociedade no contexto histórico do índio como sujeito, “[...] os índios são tratados de maneira miserável, ninguém fala de arte só falam que precisam explorá-los, ninguém pensa no índio por exemplo como fator de cultura, e o Henrique só via no índio um elemento mítico de maior valor no Mato Grosso do Sul” (ROSA, 1996, p. 18). Visto que o índio até então era estereotipado, passou a ser delimitado pelos intelectuais como “de material neutro”, por se pautar em uma concepção do historiador Carlos Alberto Vesentini: aquela figura social passava a se constituir num agente ativo de organização da memória (VESENTINI, 1997, p. 17). Estas afirmações do autor fazem entender que o índio, a partir da divisão, seria o principal responsável pelas produções culturais etnográficas mais fortes da sociedade de Mato Grosso do Sul. De modo geral, Vesentini expõe a construção histórica da nação, e para isso analisa “como a memória pode ser constantemente apropriada e reelaborada pelo poder, em elementos históricos

diversos” (VESENTINI, 1997, p. 17). Independente do processo de divisão do Estado, o tema em questão já se objetivava como elemento construtor histórico que, por séculos refletia as transformações culturais por meio da memória coletiva. Segundo o mesmo autor são “projeções e localização em um dado fato” (VESENTINI, 1997, p. 20). Desse modo, pode-se observar e unir a nação do passado e localizar fragmentos da memória no tempo presente. Quanto a esta questão de heróis do Estado, a revista MS Cultura destaca:

Entre os vários povos de Mato Grosso do Sul, as tribos de origem étnica mbyá extrapolaram a fase pré-histórica. Criaram signos, desenvolveram a estética e a abstração gráfica atingindo, assim, o estágio proto-histórico da evolução humana. Foi nesse estágio, proto-histórico, que as tribos mbyá, de Mato Grosso do Sul, foram encontradas pelos conquistadores europeus, há quinhentos anos. Em pouco tempo de contato com os europeus, os Kadiwéu-mbyá tornaram-se grandes criadores de cavalos, exímios cavaleiros, e, guerreiros que eram, submeteram todas as tribos do pantanal tornando-se senhores absolutos da região (SPENGLER, 1996, p. 19).

É preciso atentar ainda para o fato de que o termo “Guaicuru” remete a pensar na sua capacidade de resistência por serem os únicos índios cavaleiros do Brasil identificados entre grupos de etnias que contemplam e preservam suas características por meio dos traços de sua arte gráfica. Em seus trabalhos, Spengler desenvolveu a representação dos gráficos Kadiwéu. A escritora Idara Duncan afirma:

Ele valorizou as nossas raízes indígenas através dos Guaicurus que, simbolizavam todas as tribos porque eram uns índios que eles escravizavam as tribos conquistadas mas, respeitavam seus valores, então eles conseguiram ser uma síntese da nossa referência indígena (ROFRIGUES, 1996, p. 18).

Apresentam-se então, os valores das nações indígenas como a primeira plataforma social, econômica e cultural dos sul-mato-grossenses. Avalia-se sua perspectiva histórica sob o ponto de vista de um tratamento social miserável, pela exploração e obrigação de seu trabalho na forma escrava pelos colonizadores. Assim, o artista visual Henrique Spengler se preocupou em conhecer os processos históricos desta categoria Guaicuru, elegendo-a e trazendo a tona sua legitimidade enquanto sujeitos que construíram o Estado. Justamente por examinar a história indígena sob o aspecto da submissão é que ele fomentou a sua

participação como relevante para rever a imagem da figura social do Guaicuru na História e, com isso, construir uma retratação por meio de produções artísticas que o representassem.

Dando continuidade ao tema, o panfleto da XII Mostra enfatiza que “Guaicuru” é, para o povo sul-mato-grossense, um termo muito forte, histórico, superior, lembrando os índios cavaleiros, orgulhosos e destemidos, que dominavam as vastas campinas e planaltos da província (CAMPESTRINI, 1996, p. 11). Já a revista MS Cultura adverte que entre os vários povos de Mato Grosso do Sul, “as tribos de origem étnica Mbayá extrapolaram a fase pré-histórica” (SPENGLER, 1996, p. 19). Desta forma, por serem tribos resistentes, aos poucos os Guaicurus foram se fixando como indivíduos da região sul-mato-grossense, e, assim o Estado passou a possuir o “segundo maior contingente nativo do Brasil, estimado em 5 mil indivíduos[...]” (SPENGLER, 1996, p. 17). Sobre isso, é esclarecedor na contemporaneidade as razões da existência destas tribos remanescentes nas terras do Estado, passando a ser referências humanas antigas, marca de sua existência da formação histórica local. Conforme retrata Henrique Spengler:

Os Mbayá estão representados pelos Kadiwéu, que habitam a Serra da Bodoquena no Município de Porto Murtinho, e constituem os remanescentes diretos da nação dos cavaleiros Guaicuru, que por muito tempo dominaram quase todo território de Mato Grosso do Sul, impondo aos conquistadores europeus a maior e mais prolongada relação de resistência [...] a presença e a influência sócio-cultural dos povos nativos na sociedade e na cultura sul-mato-grossense é bastante significativa, advindo dessas relações um tipo miscigenado original encontrado apenas no Estado de Mato Grosso do Sul (SPENGLER, 2000, p. 20).

Devido ao fato de os indígenas serem um componente do Estado, ele deve ser analisado como um produto cultural que reflete o contexto no qual foi produzido. É neste sentido que se analisa a referência acima de Henrique Spengler pois, como historiador, elegeu como objeto de pesquisa os kadiwéu que, “[...] têm uma História que o povo brasileiro deveria conhecer melhor[...]” (SPENGLER, 2000, p. 22), para não ficar no esquecimento. Paul Ricoeur, em seu texto “Tempo e Narrativa”, relaciona esta questão de que as gerações representam o que se reproduz na atualidade. “Com efeito, a substituição das gerações sustenta de uma maneira ou de outra a continuidade histórica [...]” (RICOEUR, 2010, p. 186). A partir desta descrição trazida pelo autor, é possível analisar que o movimento cultural Guaicuru nos remete às conquistas desses guerreiros na região. Segundo a revista MS Cultura:

[...] expandiram as fronteiras, reconquistaram terras já ocupadas por colonos castelhanos, portugueses, paraguaios e brasileiros. Por quase trezentos anos ocuparam e dominaram com exclusividade, quase todo território correspondente a Mato Grosso do Sul. Formaram a primeira plataforma sócio-econômica cultural com abrangência correspondente à área do Estado (SPENGLER, 1996, p. 19).

Todavia, é possível perceber que, ao longo dos séculos, os fatos do processo histórico vão dando fundamentos ao conhecimento do homem, configurando-o em seu tempo atual, com a necessidade de servir de suporte a uma identidade almejada, preocupada em registrar e descrever acontecimentos, lugares e personagens considerados importantes. Henrique Spengler legitimou esses fragmentos do indígena em um registro artístico da realidade do cotidiano sul-mato-grossense, legitimando-o e fornecendo elementos para a construção da cultura sul-mato-grossense onde Maria da Glória define que:

Conscientes de que a cultura é o passaporte para o reconhecimento da própria identidade, algumas mentes idealistas mergulharam fundo na História, transpuseram as fronteiras da incompreensão, venceram preconceitos, até superar com a força das idéias, da palavra e das ações, antigos medos e inércias (ROSA, 1992, p. 10).

Nessa discussão, a diversidade dos movimentos artísticos, os setores produtivos da arte e cultura se depararam com a necessidade de identificar os valores culturais da região correspondente ao novo Estado. Esse questionamento é muito intenso e exigiu uma profunda participação de pessoas relacionadas à questão histórica representada pelos signos, tendo uma ampla repercussão entre os artistas, onde a nova história cultural acrescentou a idéia de pluralidade.

Renato Ortiz, ao se referir sobre a sociedade, cita que, “toda identidade é uma construção simbólica”, ou seja, “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos.” (Renato Ortiz *apud* Rosa) (ROSA, 1992, p. 9). Se se pautarem nas ideias teóricas de Ortiz, os artistas visuais terão o compromisso de relacionar, pesquisar e transpor em sua plasticidade o que se fundamentou nesta região, especificamente após a criação do Estado de Mato Grosso do Sul interessados em um conteúdo cultural para uma expressão estética

da região.

Assim, fica clara a colocação de Maria da Glória Sá Rosa, com respeito aos aspectos regionais explorados pelos artistas, consolidando em suas artes que ao longo do tempo se tornaram marcas regionais. Contudo, neste embate das questões referentes às artes, Henrique Spengler salienta que:

Aprazer-se com o conhecimento sobre as referências naturais e humanas desenvolvidas na região, as relações entre o homem e o seu meio ambiente. Incorporar referências históricas e culturais nos produtos regionais e agregar-lhes valor. Contribuir para o desenvolvimento da sustentabilidade. A originalidade é a afirmação da identidade (SPENGLER, 2007, p. 11)

Porém, é esclarecedora essa passagem de Henrique Spengler, principalmente quando se trata da cultura sul-mato-grossense. Dessa forma, tem-se a oportunidade de localizar o espaço geográfico de uma região, ou seja, de decifrar as histórias de vida, o cotidiano da existência de uma sociedade e analisar o conceito de identidade regional, como exemplo, fatores contextuais característicos de uma região. De acordo com Néstor Garcia Canclini (BESSA-OLIVEIRA, 2010, p. 29). Os indivíduos são, por natureza, seres “híbridos”, multiculturais. Como coloca o autor, “[...]é o trânsito cultural, entre países e pessoas, existentes desde os primórdios da colonização, [...]” que definem os sujeitos históricos. Nesse cenário, percebe-se que a cultura se relaciona com as inter relações das diferenças culturais da vida em sociedade.

Baseando-se nas palavras do autor, é possível compreender que a cultura se dá num diálogo unificador entre as sociedades “com o seu meio sociocultural” (BESSA-OLIVEIRA, 2010, p. 32) Nesse entendimento, quem trabalha com artes estabelece um amálgama de culturas acerca dos caminhos percorridos pelos homens, pautado pelos contextos históricos e pela diversidade cultural. Nesse sentido, a história da arte traduz a legitimação de uma identidade social, dá consistência a uma nação ou região, pois ela descobre, escolhe e restaura através da representação de imagens a nossa vida, as experiências cotidianas e as relações com o outro.

1.3 As aulas de História indígena a partir das obras de Artes visuais de Henrique Spengler

A originalidade é a afirmação da identidade.(Henrique Spengler, 1996)

A produção pedagógica desenvolvida no espaço escolar a partir dos projetos de ensino sobre a História Indígena e as suas relações com o ensino-aprendizagem e de suma importância para o reconhecimento dos múltiplos sujeitos históricos que contribuem para a construção do conhecimento histórico, o espaço da escola e permeado de disputas de memórias, trazer para o ambiente escolar reflexões da cultura indígena e um meio de promover a educação para a diversidade, foi essa a intenção de levar para a Escola Estudante William Tavares de Oliveira a temática do ensino de História Indígena, a fim de evitar um olhar superficial, excludente, estereotipado e preconceituoso na educação básica acerca do Índio. É importante reconhecermos que embora tenha ocorrido muitos avanços acerca da implementação da Lei nº 11.645/08 e as possibilidades de acessar novos campos de pesquisas tais como o incentivo ao conhecimento sobre as diversas etnias indígenas existentes no Brasil possibilitando uma Educação que promova o reconhecimento da diversidade cultural e étnica existente no País.

Com a promulgação da Lei de número 11.645/2008 em 10 de março de 2008 e sancionada pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva modificando a redação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei no 9.394, de 20/12/1996) e da Lei no 10.639 (de 09/01/2003) no que se refere à obrigatoriedade do ensino de “História e Cultura Africana e Afro-brasileira”. A nova lei incluiu o ensino obrigatório de "História e Cultura indígena" em seu rol de mudanças e tentou promover alterações na estrutura das escolas e universidades brasileiras, mas, por vezes, sem construir uma base de modificação real no dia a dia educacional, tanto dos professores quanto dos alunos.

A mudança na lei é fruto das mobilizações dos povos e organizações indígenas, especialmente no final do século XX, tratava-se principalmente do reconhecimento e proteção desse direito a essas populações promovidas pela Constituição de 1988. A reforma legal viria para promover uma mudança qualitativa nos métodos de ensino, alcançando uma

educação crítica sobre os povos indígenas, em específico, sobre a participação indígena na História do Brasil, bem como das relações entre indígenas e não indígenas na contemporaneidade em sala de aula.

A questão que ainda hoje se coloca no Ensino de História Afro-brasileira e Indígena e que analisarei no decorrer da pesquisa através do Projeto de ensino de História Indígena nos anos finais do Ensino Fundamental através da cultura da etnia Kadiwéu, é a não implementação no ambiente escolar e não uniformidade no cumprimento das leis nº 10.639/03 e 11.645/08 referente ao Ensino de História Afro-brasileira e Indígena. Seja pelo fato de uma formação docente pedagógica deficitária inicial ou a insuficiência de uma formação complementar que desconstrua os estereótipos historicamente construídos e perpetuados no imaginário da população acerca do Negro e Indígena, se fazendo necessário estudos e práticas pedagógicas voltados para as várias áreas do ensino.

Se a escola reflete o modelo social no qual está inserida, isso significa que nela também estão presentes práticas das desigualdades sociais, raciais, culturais e econômicas [...]. A vivência da diversidade étnico-racial no espaço escolar exige que professores, gestores da educação, concebam a escola como um campo de lutas e a pedagogia uma forma de política cultural voltada para um projeto de cidadania, democracia e emancipação. Isso significa mexer com os valores, crenças e culturas consideradas como verdades, significa tencionar as práticas pedagógicas escolares que ainda se pautam por uma concepção colonialista, racista, conservadora e excludente que banalizam e tornam insignificantes as práticas culturais populares. (PASSOS, p.56-57).

É importante reconhecermos que embora tenha ocorrido muitos avanços acerca da implementação da Lei nº 11.645/08 e as possibilidades de acessar novos campos de pesquisas tais como o incentivo ao conhecimento sobre as diversas etnias indígenas existentes no Brasil possibilitando uma Educação que promova o reconhecimento da diversidade cultural e étnica existente no País.

O fato da existência da Lei nº 11.645/08 na qual dispõem sobre a incorporação do Ensino de História e Cultura dos povos indígenas na educação básica, não possibilitou por si só a solução para superar a invisibilidade dos povos indígenas na educação brasileira, porém representou um passo importante no reconhecimento da diversidade étnica e cultural na formação sócio-histórica do Brasil. A pesquisa partiu da necessidade de reconhecer a

importância da etnia Kadiwéu no processo de formação identitária do Estado de Mato Grosso do Sul e as suas representações sociais e a conexão entre o ensino História e cultura indígena, bem como a elaboração de memórias e narrativas no espaço escolar.

Ao aprender sobre um grupo indígena, temos a possibilidade de conhecer parte do seu passado, e os modos como são usadas para narrar, lembrar o tempo passado, construindo novas possibilidades de compreensão e reprodução da História. A pesquisa também se relaciona com deficiência de materiais didáticos que abordam a História e Cultura dos povos indígenas que habitavam e habitam o território no que é hoje o Estado de Mato Grosso do Sul, com o objetivo de descrever as experiências e vivências dos alunos que participaram do projeto de ensino e trabalhando com as temáticas do Ensino de História Indígena nos anos finais do Ensino Fundamental.

O autor do presente projeto foi o professor da disciplina de História e idealizador do projeto de ensino referente aos povos indígenas da etnia Kadiwéu, organizando sua metodologia de ensino através da pesquisa de campo realizada com os alunos participantes do projeto de ensino da Escola Municipal Estudante William Tavares de Oliveira, com foco em promover um ensino de História Indígena a partir da História da etnia Kadiwéu contida na Instituição museológica Henrique de Melo Spengler. Como ressalta Bittencourt:

[...] o conhecimento do ‘outro’ é a possibilidade de aumentar o conhecimento sobre si mesmo, à medida que conhece outras formas de viver, as diferentes histórias vividas pelas diversas sociedades. Conhecer o outro significa comparar situações, e nesse processo comparativo o conhecimento sobre si mesmo e sobre seu grupo aumenta consideravelmente (BITTENCOURT, 1994, p. 115).

Um dos objetivos do ensino de História é possibilitar aos alunos mais do que o ensino de datas, fatos ou eventos históricos, mas ajudar a fomentar a construção de diferentes narrativas de uma História e assim possibilitar a formação de um pensamento histórico.

E uma das características da etnia Kadiwéu é a sua percepção sobre as narrativas e que existe “Histórias de se admirar” e “Histórias que aconteceram mesmo”, a diferença está no contexto de como é narrada, a diferenciação entre elas e o fato de que a primeira narrativa não necessita de comprovações são contadas com o objetivo de impressionar, causar espanto,

e na outra categoria estariam histórias narradas pelos anciões e somente a confiança nas palavras destes seria o suficiente para se acreditar nelas.

De acordo com a antropóloga Mônica T. S. Pechincha:

Os Kadiwéu diferenciam pelo menos duas categorias de narrativas ... parte delas pode ser classificada imediatamente na categoria de mitos, aquelas que os Kadiwéu chamam de ‘histórias de admirar’, ou ‘histórias que fazem milagres’, ou ‘exemplos de primeira indiada’. São histórias ‘sagradas’, já que ‘sagrado’ foi um qualificativo atribuído pelos próprios índios. Referem-se a um tempo não localizável no tempo cronológico, a não ser como tempo fundante. Um outro tipo de narrativa seria aquele que reúne histórias que, segundo os informantes, são ‘histórias que aconteceram mesmo’. Nessa categoria, incluem-se as narrativas sobre guerras contra outros povos, a memória de um passado que se apresenta como ‘descrição histórica’ de determinados acontecimentos (PECHINCHA, 1994, p.80).



Foto 05: Fachada lateral do Memorial Henrique Spengler Coxim-MS

O Memorial Henrique de Melo Spengler é um do espaço que se coloca como uma das possibilidades de narrativas referentes à História e cultura dos povos da etnia Kadiwéu. É um espaço que protege e preserva as obras e pertences do artista plástico Henrique de Mello Spengler, figura representativa no campo político e cultural do Estado, em especial nos assuntos relacionados à construção da identidade sul-matogrossense, tema principal abordado em sua arte.

As gravuras e telas produzidas por Spengler, possibilitam ao pesquisador o contato com novas fontes e narrativas da História e cultura da etnia Kadiwéu, construindo um novo olhar estudado por Spengler, inspirando-se na iconografia Kadiwéu, apresentando-se como uma releitura dos seus padrões geométricos e espirais, das cores recorrentes, além de outros elementos estéticos que fazem referência ao processo histórico desse grupo. Tais indígenas habitaram, e ainda habitam, a região de Porto Murtinho, à sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul, e os seus antepassados são chamados de Guaicurus.



Foto 06: Sala ambiente temática II gravuras neonativista de Spengler

Também faz parte do Memorial Henrique de Melo Spengler o Centro de Documentação Histórica, espaço constituído pelo acervo bibliográfico que pertenceu a Spengler e pelos demais materiais impressos relacionados à sua vida pessoal e profissional. Além de artista plástico, Spengler foi professor de História e diretor da Divisão Cultural de

Coxim, e como diretor organizou diversos eventos como a Folia da Bandeira, tributos ao poeta e compositor sul-matogrossense Zacarias Mourão, os carnavais, as moagens monçoeiras, as versões do FORARTE (Fórum de Arte de Cultura de Coxim), o Concurso Literário Otávio Gonçalves Gomes e a Rota das Monções, assim como eventos da comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo e Assexuais) na qual Spengler era militante.

Tais registros se tornaram fontes históricas, permitindo ao pesquisador vislumbrar um momento histórico e as relações sociais envolvidas, as parcerias, os interesses e os conflitos. Nessa perspectiva, o Memorial Henrique de Melo Spengler e o Centro de Documentação Histórica buscam um diálogo frequente com a História Indígena e de Coxim, pensando os documentos que registram o passado a partir de questões presentes, portanto, com um sentido sempre renovado.

O projeto de ensino possibilitou trabalhar com os alunos dos 8º anos na disciplina de História aspectos culturais ligados a etnia Kadiwéu existentes no interior do Memorial através das releituras da iconografia Kadiwéu produzidas pelo artista plástico Henrique de Melo Spengler, possibilitando aos alunos conhecer o patrimônio que existe na cidade e a importância do Memorial Henrique de Melo Spengler intimamente relacionado a essa História, muitas vezes esquecida e silenciada no contexto histórico-cultural do Município.



Foto 07: Foto dos alunos dos 8º anos no primeiro dia de desenvolvimento do projeto.

Nossas reflexões partem do pressuposto de que uma das maiores dificuldades enfrentadas no Ensino de História Indígena nas Escolas da Rede Municipal do Município de Coxim, encontradas por parte dos professores de História, ao trabalharem a temática do Ensino de História Indígena é pela dificuldade em encontrar materiais didáticos relacionados à História da etnia Kadiweu representada através das suas artes. Nesse sentido, analisarei as representações e vivências por meio do contato dos alunos com o projeto de ensino de História indígena da etnia Kadiwéu realizado no Memorial Henrique de Melo Spengler, que resultaram em contribuições para o Ensino de História Indígena na disciplina de História por meio da observação e coletas de informações durante as aulas e a sistematização do conhecimento na produção de textos, histórias em quadrinhos, desenhos e apresentação de seminários.

Com a divisão territorial e política do então Estado de Mato Grosso em alguns setores da cultura e da arte reconheceram a necessidade de buscar elementos da identidade cultural do Novo Estado.

Portanto, a criação do Estado de Mato Grosso do Sul gerou seus próprios intelectuais e estes intelectuais atuaram no Movimento Cultural Guaicuru na tentativa de entender o seu valor social e cultural, visto que o Estado era recém criado. Havia a necessidade de se situar nesse novo território denominado Mato Grosso do Sul, onde era preciso recuperar uma tradição, uma história, daí se elegem personagens os quais os Guaicuru estão representados na elaboração artística de Henrique Spengler.

O artista Jonir Figueiredo participou com demais produtores culturais das Mostras de Artes visuais e objetivava com outros artistas engajados nesta busca de identidade, levar adiante a cultura sul-mato-grossense:

As primeiras mostras apresentavam artistas que tinham como tema o nativo, limitando a participação dos demais produtores. Posteriormente adotamos o tema livre, favorecendo assim a expansão da mostra, no que tange a visualidade, tema, técnicas e estilos, enfim a contemporaneidade guaicuru. Cento e dezessete artistas já se apresentaram no transcorrer de doze anos. Porém, todos orgulham-se da capacidade de resistência e determinação, que lhes permitem sobreviver, a esses anos de luta que se espalha até os dias de hoje. Com suas energias com propósitos fundamentados de somar esforços, elevar adiante a nossa cultura sul-mato-grossense Guaicuru sempre (FIGUEIREDO, 1996, p. 05).

Desta forma, o momento histórico em que se desenvolvem as primeiras Mostras de Artes visuais, em Mato Grosso do Sul, foram compondo uma nova linguagem evidenciada nestas Mostras, não só na estética como também na historiografia. Para definir tal identidade seria necessário compreender o seu processo histórico cultural.

Assim, após se situar nesse novo Estado, os artistas tiveram que se habituar e criar com outros artistas novos espaços de trabalho. É possível analisar, no texto de Maria da Glória, como eram os espaços de trabalho dos artistas que, “antes da implantação do Estado, é crítica a situação no que se refere à instalação para as artes plásticas, por não haver sequer um espaço adequado para exposições ou salões” (ROSA, 2005, p. 15). Em 1979, com a instalação do governo em Mato Grosso do Sul, surge a Fundação de Cultura com o objetivo de desenvolver espaços para as artes visuais. Como o Estado se encontrava em crise de identidade cultural e o movimento das artes em Mato Grosso do Sul era pouco divulgado, ocorreu o surgimento de um movimento cultural, que foi denominado Movimento Guaicuru de Cultura, “criado em Campo Grande em 1981” (ROSA, 2005, p. 26). pelo artista plástico Henrique Spengler.

Deste modo, a escritora Idara Duncan enfatiza as condições que os artistas regionais passaram para a estruturação artístico-cultural imposta pelo advento deste novo Estado:

Nem tinham condições financeiras, não tinha espaço, não existia um único espaço físico pra se fazer uma mostra nem um salão de artes plásticas era tudo assim aproveitado, quando vagavam em supermercados, no Rol de uma universidade, no hotel Campo Grande quando tinha um evento lá (RODRIGUES, 2000, p. 30).

Nesse entendimento de Duncan, a arte de Henrique Spengler juntamente com outros artistas, “veio trazer essa visão do que nós tínhamos de mais primitivo que as pessoas não lembravam que é os índios Guaicuru/Kadiwéu e ele veio valorizar as nossas raízes, a nossa essência, ele trouxe o reconhecimento.” (RODRIGUES, 2000, p 32). Percebe-se, que o movimento das artes em Mato Grosso do Sul, após a divisão, foi resgatando e identificando as várias etapas da identidade cultural do processo histórico, as referências, as características e os valores culturais do homem sul-mato-grossense, expresso nas imagens das obras. Cada artista expressava de diferentes formas a maneira de ser dos sul-mato-grossenses representadas nas artes visuais. Seja a bovinocultura, a vida no Pantanal, as produções

estéticas dos indígenas, todas eram elaboradas com materiais diversos: como madeira, argila, cipó, tinta sobre tela e outros.

A este respeito, é possível pensar a partir da afirmação de Paulo Knauss que mostra as imagens como relações do meio cultural e estético em que os indivíduos estão inseridos:

Desse modo, desprezar as imagens como fontes da história pode conduzir a deixar de lado não apenas um registro abundante, e mais antigo do que a escrita, como pode significar também não reconhecer as várias dimensões da experiência social e a multiplicidade dos grupos sociais e seus modos de vida. (KNAUSS, 2006, p. 99).

Segundo Knauss, as imagens tornam-se uma metodologia de estudo no contexto da historiografia e essas idéias podem ser contempladas pela ampla variedade de traços e imagens que a cultura indígena introduziu em seus trabalhos. Como destaca Roger Chartier, “os traços que a caracterizam só podem ser compreendidos quando relacionados com a situação da própria história” (CHARTIER, 1990, p. 13). Assim, os artistas sul-mato-grossenses passaram a participar assiduamente de todos os eventos culturais, promoveram também Mostras de teatro, artes visuais e artesanato, varais de poesia, shows, performances, apresentações e palestras, especificamente de exposições. Maria da Glória destaca a multiplicidade de eventos relacionados à cultura, “o trabalho percorre as áreas das artes plásticas, da música, do teatro, da literatura, do cinema e da dança (ROSA, 1992, p. 15). Várias Mostras e Salões de Artes visuais, com traços da iconografia Kadiwéu Guaicuru, inspirações nas quais Henrique Spengler obteve inúmeras premiações. O panfleto da X Mostra Guaicuru de Artes visuais expressa os valores desses artistas, “pela defesa da arte e dos artistas, pela luta em favor de melhores condições de vida para quem trabalha em arte, eles exercitam a cidadania num Estado, onde a cultura ainda não atingiu o desejado status” (ROSA, 1992, p. 15). Após a divisão do Estado, surge a busca pelo perfil cultural dos sul-mato-grossenses, visto que a divisão marca a diversidade de culturas existentes nos dois Estados, fazendo com que os intelectuais proporcionem ao Mato Grosso do Sul a ideia de uma cultura regional, contribuindo para a formação de uma determinada sociedade. Maria da Glória ressalta que:

A busca do perfil cultural torna-se obsessão dos sul-mato-grossense que nunca se identificaram com o modo de ser dos cuiabanos. Há poucos traços de união entre as artes do Norte e as do Sul do Estado, quer se trate da

música, da pintura, do cinema, do teatro, da dança e da literatura (ROSA, 1992, p. 15).

Nesse sentido, é possível pensar a questão de forma bem diversificada, ou seja, após vários anos, as Mostras tornaram-se regionalistas, divulgando a produção artística dos artistas engajados exclusivamente nesta obtenção de identidade. É bastante esclarecedora a afirmação de Aline Cana Verde Xavier ao escrever que os artistas construíam suas artes “engajados iconologicamente nesta corrente (CANA-VERDE, 2005, p. 24).

Por anos consecutivos os artistas visuais do Movimento Cultural Guaicuru promoveram mostras de artes plásticas, com caráter itinerante e que aconteceram alternadamente na capital e nos pólos culturais do interior do Estado. Campo Grande, Dourados, Corumbá, Aquidauana e Coxim (CANA-VERDE, 2005, p 24).

Percebe-se que a abertura das Mostras de Artes visuais estão voltadas para divulgar os artistas e a produção artística de Mato Grosso do Sul. Desta maneira, as artes visuais retratam expressões estéticas de uma determinada comunidade. O historiador Henrique Spengler utilizou-se destas formas de expressões para construir suas obras, que através da vida dos sul- mato-grossenses se idealizaram e contextualizaram produções artísticas, que ganharam força e respeito na estruturação do processo histórico do Estado. Vejamos o que Maria da Glória enfatiza sobre isso:

[...] visto que até 31 de Outubro de 1977, quando aconteceu a Divisão, todas as diretrizes político-culturais emanavam de Cuiabá, capital de Mato Grosso, que centralizava e manipulava as informações. Foram consultados arquivos, livros, jornais e revistas, que pouco revelaram dos assuntos, que pretendíamos abordar, visto que a arte e a cultura, nunca foram objeto de preocupação maior em nosso Estado. A fonte mais valiosa de informações foram os próprios artistas, que, através de depoimentos, reconstituíram diversos momentos da história de nossas artes (ROSA, 1992, p. 16)

Na visão da pesquisadora, o intuito da pesquisa sobre a história das artes em Mato Grosso do Sul também requer uma perspectiva da História local e regional, onde os artistas formaram-se em grupos e entidades para favorecer as mudanças que o momento histórico

provocava com a divisão dos Estados, (MS-MT) tanto nas diferenças geográficas, culturais e administrativas.

Dessa forma, são observadas as versões que ocorreram entre os dirigentes do Estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul no processo de regulamentação da construção da formação cultural do novo Estado: “Mato Grosso do Sul, que nascia no contexto militar, ficava “órfão” de história, tendo em vista que toda a documentação foi transferida para a capital de Mato Grosso, Cuiabá” (SQUINELO, 2002, p. 43). Tendo em vista que a divisão do Estado, em 1977, tenha sido elaborada por membros pertencentes às camadas dominantes, surge a necessidade de uma identidade almejada em toda área cultural, nas quais a preservação da memória é uma das grandes metas do movimento artístico, pois para seus integrantes o passado era o ponto de partida para a construção do presente e do futuro, momento em que transferiam nas artes visuais fragmentos existentes na região, representada em cada elemento artístico. Segundo Maria da Glória Sá Rosa que participou deste momento:

Ainda antes da Divisão do Estado, ressalta-se a formação da Associação Mato-grossense de Artes – AMA, cujo papel não pode ser minimizado, como bem o ressaltam os artistas em seus depoimentos. A partir desse marco, pode-se então falar em movimento artístico em Mato grosso, com a ocorrência de exposições, mostras e cursos de artes, além da participação dos artistas da região em eventos nacionais (ROSA, 1992, p. 237).

A associação (AMA), criada em Campo Grande em 1966,

[...] transforma o panorama artístico da época, abrindo o caminho no Estado para o modernismo. Com o objetivo de proteger, incentivar e divulgar as produções artísticas de MS, organiza cursos, palestras e exposições, [...]

Para analisar esse levantamento feito pela autora, pode-se entender que, na opinião de Maria da Glória, os artistas interpretam com seus depoimentos e contextualizam em forma de participar e expor as artes da região, divulgando o panorama artístico de Mato Grosso do Sul.

Maria da Glória relata em seu texto que se vive um momento histórico em que uma das principais tarefas dos artistas é a definição de uma cultura que traduz a linguagem, as características mais arraigadas no contexto artístico sul-mato-grossense. Surgindo questões da preservação desta herança cultural onde:

Os artistas e intelectuais regionalistas, acostumados a expressar, em suas obras, os valores e referências de Mato Grosso deparam-se, repentinamente, em uma nova realidade. Mato Grosso do Sul, um novo Estado, com uma nova capital, novo Hino, nova bandeira, novos símbolos, tudo novo. Surgíamos para o mundo como algo novo. E, para nós mesmos, como tratar, expressar, o que falar sobre nós, sul-mato-grossenses (SPENGLER 1996. p.16)

Para os artistas regionalistas, as Mostras de Artes visuais estavam voltadas para divulgar a diversificada produção artística, onde os produtores culturais do Estado resgatam, registram e difundem as referências históricas e culturais, conforme relato de suas experiências e vivências na participação e produção artística e regional de Mato Grosso do Sul. Sendo assim, as Mostras se materializam e ocupam cada vez mais espaços na herança cultural, constituindo-se no mais significativo patrimônio cultural da comunidade sul-mato-grossense. Parte da memória do processo histórico cultural de uma sociedade é registrado, através das artes visuais, como observaremos no panfleto da IX Mostra:

As primeiras Mostras Guaicuru de Artes Plásticas tinham caráter exclusivamente nativistas e objetivavam divulgar Obras e artistas engajados, iconologicamente⁴⁵, nesta corrente. Sequencialmente, quando a relação sul- mato-grossense / Guaicuru tornou-se mais compreensível e o termo Guaicuru Epônimo do Gentílico sul-mato-grossense, as Mostras tornaram-se, genericamente, regionalista (SPENGLER, 1996, p. 13).

Então esses artistas começaram a se mobilizar, com a responsabilidade coletiva de preservação dos valores culturais dessas Mostras de Artes, inspiradas na iconografia Guaicururemeteria resgatar elementos para a construção da cidadania de um determinado Estado.

Portanto, como menciona a antropóloga Yara Penteado no panfleto da XII Mostra de Artes de Outubro 1996 que os artistas evidenciam nessas mostras a dimensão do que se recebe dos que vieram antes, como se observará a seguir:

Jovens guerreiros, armados de ideias, tintas, barro ou tecido, foram compondo, em linguagens diversas, uma parte de nossa história. E foram à luta e abriram espaços para a definição daquilo que já se configura como o nosso perfil, a nossa identidade cultural. Já não mais regional, segmentada, hoje fala para o mundo, na linguagem universal das artes (PENTEADO, 1992, p. 14).

Na concepção da autora, as artes se referenciam em uma linguagem regional, identificando e resgatando as várias etapas do processo histórico. Dessa forma, recorre-se a afirmação de Antônio Cândido que a obra depende do artista e do público que dá sentido e realidade a sua produção com uma fusão de texto e contexto, se

[...] averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce” (CANDIDO, 2006, p. 05)

Nesse processo, as produções artísticas do Henrique Spengler e dos artistas sul-mato-grossenses vêm demonstrar como se pode observar um momento da história, utilizando-se de elementos da região para a construção cultural de uma comunidade, construindo sujeitos com uma identidade “onde a função da produção literária é referida constantemente à estrutura da sociedade” (CANDIDO, 2005, p. 05). Sobre Henrique de Melo Spengler e o movimento Guaicuru, Aline Cana Verde informa, na revista MS cultura:

Entendendo que, se a gente quer descobrir a identidade é só fazer um retrospecto histórico e depois voltar acompanhando o processo de transformações, Henrique junto a outros amigos, começou a se empenhar nessa pesquisa, chegando até os Guaicurus, que foram a primeira unidade organizada com abrangência territorial que compreende o Mato Grosso do Sul. E ele passou a ser o referencial. A continuidade do trabalho de resgate desses valores, funcionou como movimento cultural, dando origem à Unidade Guaicuru, da qual ele é o presidente. [...] Henrique se sente o próprio Guaicuru, fazendo um trabalho de resistência (ZILLANE, 2002, p. 174).

É possível considerar que Henrique Spengler se sente um Guaicuru pois, estava à frente do movimento, e além de ser membro-fundador era artista plástico, historiador

pesquisador regional que, por meio da sua arte, expressava uma produção artística diversificada, com diferentes técnicas, temas e estilos os quais retratavam a intenção de retomar os conceitos originais da arte nativa Guaicuru da região do Estado. Por meio da arte de Henrique Spengler se estabelece uma resistência de produções literárias e artísticas que permanecem inspiradas na cultura dos índios Guaicuru, pertencentes ao passado, por sua constituição territorial; por serem símbolo histórico cultural que dominou este território a milhares de anos atrás. Desta forma, fazendo com que esta cultura permaneça viva na memória e nas produções artísticas do Estado, agora ressignificadas nas mãos do artista.

Em relação a Henrique de Melo Spengler e o seu trabalho, o panfleto Uruarte referencial Guaicuru de Artes Plásticas de 1988 informa: “Meu trabalho é experimental, desenvolvo o registro dos padrões de desenho Guaicuru e através de composições abstratas nativistas procuro transmitir o equilíbrio e harmonia característica da cultura nativa.”⁵³ Sendo assim, Henrique Spengler reelabora os traços característicos da cultura através do reconhecimento dos valores das raízes sul-mato-grossenses, inspirado nos índios Guaicuru/Kadwéus a fonte inspiradora que discute os traços distintivos do passado. Como bem diz o artista plástico Adilson Schieffer “inspirada nas tradições artísticas dos Kadiwéus me transcendo aos motivos, às cores, aos costumes e à arte ornamental, traduzindo e registrando a cultura desse povo Guaicuru.”⁵⁴ Portanto, no transcorrer de mais de dez anos, as Mostras apresentavam artistas que tinham em sua obra como tema o nativo, na visualidade, nos temas, técnicas e estilos, ou seja, na contemporaneidade o termo Guaicuru.

O Estado está presente como uma entidade cultural representada pelos artistas de várias áreas culturais. Assim “[...] a representação é instrumento de um conhecimento mediado que faz ver um objeto ausente, através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é” (CHARTIER, 1990, p. 20). Tal análise sobre as produções culturais artísticas produzidas em Mato Grosso do Sul, especificamente na contemporaneidade, retratam as características de uma região as quais os artistas sul-mato-grossenses buscaram fixar por meio de fragmentos dessa identidade indígena. Por meio dos intelectuais é possível compreender o funcionamento da sociedade elaborando um contexto estético e histórico, práticas que visam reconhecer os valores da cultura de uma identidade social. Sobre isso é salutar ressaltar Roger Chartier:

Deste modo, a noção de representação pode ser construída a partir das

acepções antigas. Ela é um dos conceitos mais importantes utilizados pelos homens do Antigo Regime, quando pretendem compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo. Há aí uma primeira e boa razão para fazer dessa noção a pedra angular de uma abordagem a nível da história cultural (CHARTIER, 1990, p. 23).

Verifica-se que, o autor considera que as transformações históricas se formam das interações com diferentes culturas do passado, não podendo falar em uma única produção cultural. Assim, Marcos Antônio Bessa-Oliveira cita Figueiredo por reconhecer as diversidades culturais existentes nas diferentes culturas, trazidas pelos imigrantes, “[...]uma identidade não é elaborada isoladamente, mas, antes, negociada pelo indivíduo durante toda a vida” (FIGUEIREDO, 2010, p. 114). Em Mato Grosso do Sul, é bastante comum a diversidade de artistas visuais que estão inseridos neste Estado pela busca de relações sociais entre as pessoas e a sociedade.

Sendo assim, é possível citar Eric Hobsbawm, ao afirmar que as tradições do passado não podem ser separadas do contexto da História de qualquer sociedade, “[...]sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas” (HOBSBAWM, 1997, p. 14). Esclarecendo que as relações humanas utilizam a história como legitimadora das ações dos grupos, com uma linguagem apropriada com símbolos de valor presente em uma imagem. Então, percebe-se os vários momentos que influenciaram os artistas regionais ao construir ideias artísticas concernentes ao nosso território junto com Henrique Spengler, na busca de respostas sobre a identidade dos sul-mato-grossenses, tendo em vista que o artista surge dentro da sociedade, e precisa mostrar a função dele nesta sociedade, com a sua arte, elaborada através de construções do cotidiano e da vida cultural. O artista Henrique Spengler observa a sociedade, para depois produzir a obra de arte. Assim, Paulo Knauss destaca em seu texto “O desafio de fazer história com imagens”, onde as expressões dos grupos das sociedades se estabelece através da escrita e do visual “[...] como lembra John Berger a “visão vem antes das palavras [...]” (KNAUSS, 2006, p. 99). Então as obras de arte tem de causar uma transformação na concepção da sociedade e que o indivíduo pense e reflita sobre o que está vendo e o que ela representa. Conforme aponta Maria da Glória: “[...] o documento humano é um relato da experiência individual que revela as ações de um indivíduo como ator humano e participante da vida social.”⁶⁰ Maria da Glória Sá Rosa⁶¹, no panfleto da X Mostra diz que:

A Divisão do Estado é o marco indicador do arrojo desse grupo de jovens, que liderados pelo artista plástico Henrique Spengler, buscavam criar uma simbologia própria na qual estão presentes as múltiplas faces da Cultura sul-mato-grossense. Das artes plásticas, onde pesquisaram a presença indígena... Para o Movimento Guaicuru o passado deve servir de base à construção do presente e do futuro, a fim de que uma linha contínua de pensamentos e de ações marque a presença do homem sul-mato-grossense e suas conquistas. Afinal de contas só através do resgate da memória é possível fazer-se o inventário da Cultura e assim chegar-se à obtenção da própria identidade (ROSA, 1992, p. 18).

Contudo, Maria da Glória mostra que os artistas se apresentam na busca por uma linguagem própria, ou seja, colocar no mesmo patamar os artistas que de fato tem um trabalho artístico representativo, regionalista, unidos por uma idéia de identidade da história de Mato Grosso do Sul. O movimento cultural Guaicuru defende a permanência dos “valores autênticos” da região, representando um discurso local, colaborando para o desenvolvimento de uma produção artístico cultural, no sentido de representar as identidades dos povos indígenas sul-mato-grossenses, ligados às tradições que Eric Hobsbawm que caracteriza como “uma continuidade em relação ao passado.”⁶² Assim, os artistas nessa configuração do representar nas artes os traços distintivos do homem deste Estado, podem atualizar e configurar as informações do passado, encontrando valores que constituem a vida da sociedade que conviveram o momento histórico da divisão do Estado.

A partir deste momento, os artistas buscaram compreender, através de fragmentos existentes na arte sul-mato-grossense, os traços e cores dos índios nativos sendo estampadas nas produções artísticas da região. E esse processo, segundo a Revista MS cultura, servirão para analisar as características artísticas culturais sul-mato-grossense em:

Novos espaços – destinados às manifestações artísticas – foram criados, os produtores culturais começaram a frequentá-los e, conhecendo-se uns aos outros, muitos deles se perguntaram: quem somos nós, qual o nosso perfil e identidade Cultural, o que temos em comum, nesta região, que nos identifica como irmãos, filhos de um mesmo solo pátrio? Quem afinal, é o homem sul-mato-grossense.

Como ressalta Menegazzo, que após a divisão grande parte dos artistas optaram por estabelecer novos grupos que desenvolvessem “uma linguagem que expressasse, de modo

direto, as mudanças que o momento histórico evidenciava” (ROSA, 1992, p. 137). Então se encabeçou uma ação conjunta dos artistas plásticos que através de um trabalho em conjunto, pode-se falar em prol do resgate, registro e difusão do processo histórico e da identidade cultural sul-mato- grossense, que como bem observa Menegazzo (ROSA, 1992, p. 238):

Novos artistas firmaram linguagens individuais e confirmaram sua adesão ao espaço regional. Conforme dados do relatório de pesquisa Caminhos da arte sul-mato-grossense conta hoje com um número significativo de artistas, que participaram e participam de eventos na área cultural, como mostras, exposições permanentes, temporárias e itinerantes, salões, que hoje já não se restringe à capital do Estado [...].

De acordo com Menegazzo, esse foi o momento de buscar entender os fatores estéticos nas artes de Mato Grosso do Sul, com artistas de todas as áreas culturais (dança, teatro, música, artes plásticas, etc), a partir da divisão do Estado, até os dias atuais, tornando as artes visuais um fator histórico, ou essencialmente como um testemunho visual, na concepção cultural da contemporaneidade do Estado, com uma temática étnica especificamente pensada sob a identidade indígena da região, que buscaram sintetizar a preservação dos valores com sabedoria e profusão de símbolos que são expressos pelos artistas que recriaram através das artes a forma estética dos índios Kadiwéus remanescentes dos Mbayá-Guaicurus.

Ao longo dos tempos, Mato Grosso do Sul possui uma cultura multifacetada, como bem já se evidenciou onde Aline Cana verde coloca como “resultado de um processo de interações e oposições. A proximidade geográfica com o Paraguai e a Bolívia, países com os quais faz fronteira gerou características sócio-culturais que o distingue dos demais estados brasileiros” (CANA-VERDE, 2005, p. 21). Devido às circunstâncias de o Estado ser novo, a escritora Gilda Cristina Falleiros Mendes vem ao encontro com outros fatores históricos ligados à identidade dos sul- mato-grossenses, “[...] uma região de ocupação muito antiga, [...] podemos perceber a influência dos índios, elemento nativo; dos espanhóis, que foram os primeiros europeus a percorrerem a região; dos portugueses e, mais tarde, dos migrantes de outras regiões brasileiras (MENDES, 1997, p. 1997, p. 65). Possibilitando desta forma, o florescimento de uma cultura com características multiculturais, porém todas estas discussões são permeadas pelo movimento divisionista destacado pela autora como antigas, com migrantes vindos dos mais diferentes lugares:

[...] essas diferenças eram tão acentuadas, que levaram ao surgimento, desde o fim do século XIX, de um movimento separatista que culminou coma divisão, no dia 11 de outubro de 1977. Surgiu assim uma nova Unidade na Federação: Mato Grosso do Sul (MENDES, 1997, p. 75).

Pensamos, então, a partir da afirmação de Mendes, que o discurso sobre a cultura do Estado apresenta um multiculturalismo pela interferência da cultura de outras regiões. Por mais que os artistas procurassem cristalizar uma única visão cultural como referência sócio-histórica, a cultura é, em si mesma algo dinâmico, que se transforma e se apropria de novos elementos conforme a convivência e o contato com outras culturas. Devido a todas essas influências pode-se pensar em uma história social reelaborada pelos próprios sujeitos, como situa Roger Chartier, “os traços que a caracterizam só podem ser compreendidos quando relacionados com a situação da própria história” (CHARTIER, 1990, p. 13). Num primeiro momento, os artistas sul- mato-grossenses relacionam as produções artísticas como referências para servirem posteriormente de suporte a uma identidade almejada, preocupados em descrever e registrar acontecimentos os quais os sujeitos estão inseridos.

Assim, Aline Cana Verde ressalta a importância dessas narrativas históricas que o movimento propôs, como objetivo de servir de suporte à construção tão almejada da identidade, onde

Conclui-se que para identificar tal identidade seria necessária a compreensão de seu processo histórico-cultural. O movimento então optou na época por desenvolver um trabalho de retrospectiva histórica, identificando e resgatando as várias etapas do processo histórico, as referências, as características e os valores culturais do homem sul-mato-grossense e sua “evolução”. Foi identificado o período Guaicuru como referência temporal desse processo, pois foi a nação Guaicuru a primeira plataforma social, econômica, política e cultural em abrangência territorial correspondente ao novo Estado (CANA-VERDE, 2005, p. 23).

Nessa discussão, pode-se concluir que a construção do homem nativo cresce, ganha força através da busca por elementos que configure o processo histórico e a identidade cultural do povo sul-mato-grossense, onde o Guaicuru ganha uma “logomarca” própria registrada, obtendo o reconhecimento através da elaboração das artes visuais, visto que por meio destas pode-se chegar à obtenção e construção da identidade de uma sociedade.

2. A ARTE EM TELAS ABSTRATAS: REPRESENTAÇÕES SUL-MATO-GROSSENSE NAS OBRAS DE HENRIQUE DE MELO SPENGLER

Atualmente, a História Guaicuru vem sendo resgatada, registrada e difundida. Os guaicuru tornaram-se referência do processo histórico de Mato Grosso do Sul e influenciaram, cada vez mais, a produção artística e a identidade cultural do povo sul-mato-grossense (REVISTA CULTURAL, 1996, p.19).

No desenvolvimento deste estudo, procuramos ressaltar que as linguagens artísticas são fontes de compreensão da realidade. As obras de artes visuais de Henrique de Melo Spengler adquiriu ícones e cores da arte Guaicuru como o “preto, vermelho, ocre, amarelo, branco e verde, os corantes utilizados são naturais, minerais e vegetais da região,” como elementos importantes na elaboração de suas obras. Num primeiro momento a iconografia dos Guaicurus serviu de suporte a uma identidade almejada que consiste em desenhos abstratos e geométricos, referenciando o Estado de Mato Grosso do Sul.

Uma iniciativa que fez com que a questão Guaicuru ganhasse espaço partiu de membros da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL). Mato Grosso do Sul concretiza assim, uma divisão histórica, marcada por diferenças geográficas e culturais.

Com a divisão territorial e política de Mato Grosso e o início da estruturação de Mato Grosso do Sul, os setores produtivos de arte e cultura se depararam com a necessidade de identificar os valores culturais da região correspondente ao novo Estado. Esse questionamento é muito intenso e exigiu uma profunda participação de pessoas relacionadas à questão, preocupadas em descrever acontecimentos e personagens considerados importantes, interessadas em um conteúdo cultural para uma expressão estética que referenciasse o novo Estado.

Conclui-se que, para identificar tal identidade seria necessário percorrer os processos histórico-culturais, resgatando e identificando as várias etapas destes processos e quais valores da evolução do homem na região sul-mato-grossense, identificando assim, a existência dos índios Guaicurus como referência temporal desse processo histórico. E conforme a escritora Maria da Glória Sá Rosa enfatiza, as contribuições do Henrique Spengler na difusão do processo histórico e da identidade cultural do povo sul-mato-grossense para a divulgação dos valores e referências culturais da região destaca-se pois:

A contribuição dele para as artes de Mato Grosso do Sul trouxe uma coisa nova com o tema índio que de certa forma, tinha sido explorado de uma maneira figurativa, onde ele trouxe aqueles signos que lembravam a Grécia, que lembravam culturas primitivas, alguma coisa de novo e que nunca se tinha visto no panorama de Mato Grosso do Sul. Ele não foi inventando isso não, ele foi pesquisador, foi ler a história dos índios, ele foi uma pessoa que tirou a literatura de MS do marasmo , deu um sopro novo. A gente lembra aqueles símbolos que valorizou um elemento que sempre foi desprezado em todas as culturas... Henrique só via no índio isso um elemento mítico de maior valor no Mato Grosso do Sul.

Dessa forma, pode-se perceber a relação da arte de Henrique Spengler com a trajetória dos ancestrais da região, onde a mesma reafirma a herança cultural dos índios Guaicurus. Então, neste contexto, o termo Guaicuru, até então pouco conhecido, passou a ser um verdadeiro testemunho histórico, ao retratar manifestações onde os motivos decorativos contidos nas obras, contribui para a revitalização dessa identidade, dando continuação aos valores culturais existentes no território do Estado.

Assim, ressalva a autora da coleção Arte Regional, Tânia Mara de Cássia Rodrigues Azambuja: “Ele ultrapassa os limites da tela pintada com minuciosos detalhes, para a pintura em pedaços de pano, lençóis, toalhas, quase que sem detalhes, praticamente uma impressão (AZAMBUJA, 2007, p. 08).

Observa-se que, em Mato Grosso do Sul, desde a criação do Estado até os dias atuais o termo “Guaicuru” tem sido construído pelos artistas visuais, dando coerência de valores históricos com a capacidade de representar a realidade vivida e obtendo conhecimento do ser humano.

A autora Sandra Pesavento em seu livro *História & História Cultural* assevera que:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de forças integradoras e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (PESAVENTO, 2003, p. 39).

Além do que foi definido pela autora, ele contribuiu para a revitalização dessa identidade, criou um universo que instiga a imaginação do espectador, fazendo com que a memória iconográfica se mantenha de forma intensamente viva, na medida em que as utiliza em suas obras. Destacando alguns aspectos que devem ser observados na leitura das obras, Menegazzo aborda em seu texto que “na pintura, defrontamo-nos com a reutilização de objetos dando surgimento a novos símbolos, também representativos de determinadas culturas” (MENEGAZZO, 1991, p. 211). Nota-se, em seguida, como o artista foi também influenciado pelos acontecimentos do seu tempo, visto que, em 1999, em sua obra *Abstração Guaicuru*, passou a valorizar as cores e traços para compor suas obras, utilizando tinta acrílica sobre tela, diferentemente dos Guaicurus que utilizavam cores frias, como o preto, vermelho, ocre, amarelo, branco e verde, os corantes utilizados são naturais, minerais e vegetais da região, ou seja, da natureza.

As pinturas reproduzidas aqui fazem parte da coleção de Henrique Spengler, são elas: obra nº01, *Abstração Guaicuru*, de 1999, e nº05 *Dinâmica da cor* de 1986, encontradas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS - Campus de Coxim. A linguagem de Henrique Spengler se enfatiza na problemática do homem e sua relação cultural, ou seja, com o espaço regional que transcende um universo imagético, criando o percurso existencial do próprio artista, onde o mesmo se considerou inserido nesta profusão de elementos, tornando-se sujeito constituinte da própria história. Foi Henrique Spengler que iniciou importante trabalho

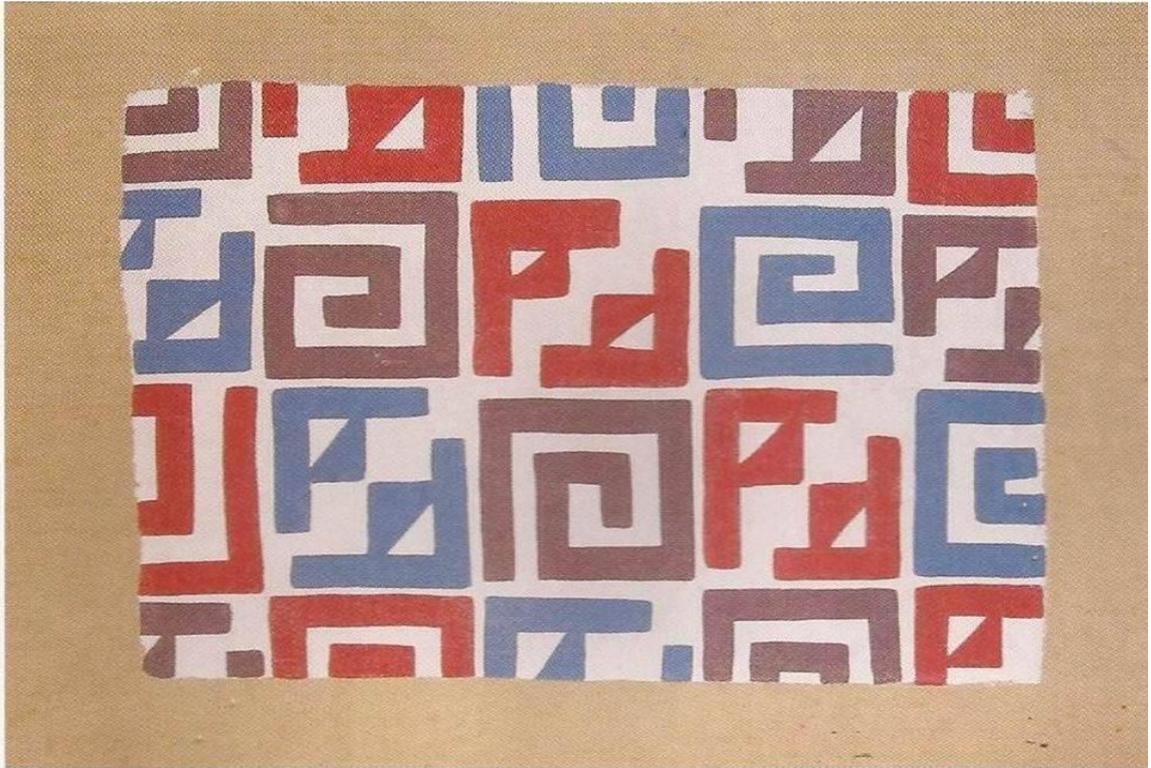


Foto 08: Título: Abstração Kadiwéu Autor: Henrique de Melo Spengler



Foto 09: Abstração neonativista Autor: Henrique de Melo Spengler

2.1 Técnicas utilizadas na linguagem estética das obras

Do ponto de vista estético, as obras de Henrique Spengler apresentam características puramente abstratas e geométricas se tornando elemento representativo das expressões artísticas dos primeiros anos da formação cultural deste Estado. Logo após a criação de Mato Grosso do Sul, houve a necessidade de uma identidade cultural que caracterizasse a região, imposta pelo advento da criação do novo Estado, construído com base na história dos índios Guaicurus.

A preservação da memória se torna o ponto de partida do presente e do futuro, só por meio da memória seria possível fazer a reconstrução da cultura e chegar à obtenção da identidade. As obras apresentam diferentes formas geométricas, principalmente na obra de número 05, *Dinâmica da cor*, de 1986, composta de material – Guache/Nanquim, complementando os desenhos gráficos das obras artísticas, formas coloridas, combinadas de tal modo que provoca no espectador algumas sensações de movimentos, mesmo que, se o espectador mudar de posição terá a impressão de que a obra se modifica, visto nos quatro ângulos elas se movimentam, enfim, trata especificamente o que o artista propôs representar, a vida que está em constantes alterações. Na arte, o autor da obra utiliza materiais e técnicas que se concentram na tela, transformando ideias e material em história, tendo caráter exclusivamente nativista. A estética da arte do Henrique Spengler não se limita somente a questões visuais, mas transmite sensações no espectador que faz com que ele conheça a história das artes dos sul-mato-grossenses. Ao se referir aos estudos das artes de Henrique Spengler, acerca da maneira como podemos perceber os pequenos detalhes que os documentos podem nos remeter, Ivanildo José afirma que:

Vemos que a arte mostra o corpo no espaço e, nessa condição, faremos uma descrição da imagem de forma verbal. Nesse diálogo, entendemos a arte a partir da construção do homem no seu processo de selecionar os melhores ângulos, luz, cor, de acordo com a sua imaginação produtora, pois este cria a obra de arte como uma expressão artística e estética. Não podemos esquecer, então, que a obra de arte, dentro de uma determinada cultura, altera seu conceito, de acordo com as práticas sociais, pois olhar é compartilhar, é ser cúmplice (JOSÉ, 2011, p. 61)

Segundo citação do autor, o estudo das artes visuais é importante porque dá a

dimensão do que será capaz de compreendermos no processo histórico, as formas e pequenos elementos que se configuram em documentos históricos que são expressos nas técnicas utilizadas pelos artistas. Porém, é necessário buscar a origem das expressões das técnicas utilizadas pelo artista em determinado elemento cultural, que neste trabalho será colocado pelo professor do departamento de História Paulo Knauss, a partir das ideias das autoras Marita Sturken e Lisa Cartwright: “chamam atenção para o fato de que os sentidos de toda imagem são múltiplos e que podem ser recriados a cada novo olhar. É preciso conhecer as convenções, considerando que as associações entre símbolos e códigos não são fixas...” (KNAUSS, 2006, p. 115). O autor conclui que, as artes visuais mesmo as mais antigas, em seu contexto histórico são alteradas em sua representação artístico-visual, determinando seu modo de interpretá-las, pode ser entendida como explica o autor, “...uma forma de defender novas questões e enfoques para a renovação da história da arte” (KNAUSS, 2006, p. 105). Uma vez que esta nos leva a entender as proposições das obras de Henrique Spengler que, ao contemplá-las, tem-se a capacidade de criar uma imagem do que se vê, ou seja, de criar uma mensagem visual das lembranças de grupos sociais.

Sobre isso, Donis A. Dondis em seu livro *Sintaxe da Linguagem Visual* faz um comentário sobre o olhar do indivíduo ao observar a imagem, ela nos possibilita perceber um dado momento histórico bastante pertinente, pois o olhar de cada um começa a fazer a reconstituição do tempo e da história, conforme cita Dondis:

[...] toda forma visual concebível tem uma capacidade incomparável de informar o observador sobre si mesma e seu próprio mundo, ou ainda sobre outros tempos e lugares, distantes e desconhecidos. Essa é a característica mais exclusiva e inestimável de uma vasta gama de formatos visuais aparentemente dissociados (DONDIS, 2007, p. 184).

O termo “visual” define a utilização de imagens ou objetos da vida cotidiana, que, no caso da obra de Henrique Spengler, são retirados do contexto estético dos indígenas. Dondis ao atribuir categoria de arte acompanha todas as transformações ocorridas na história da arte das últimas décadas. Nestes termos, quando se vê uma imagem passa-se a visualizá-la e depois compreender seu significado dentro de uma perspectiva histórico-social.

O artista Henrique Spengler desempenhou uma série de trabalhos, utilizando uma linguagem “Abstração da cor Guaicuru”, demonstrando ao público suas composições

abstracionistas em suas artes visuais. O autor do livro *Arte Abstrata* de Mel Gooding, em seu livro *Movimentos da Arte Moderna*, ressalta a importância do movimento da arte moderna para a sociedade, com uma linguagem abstracionista que se tornou objeto representacional do passado que:

O progresso de uma arte de representação para a da abstração de certa maneira ocorreu paralelamente a essa busca moderna... “Tudo que é o caso” inclui a natureza e a sociedade, o ambiente construído, as estruturas da religião, da arte e da ciência, e todos os maravilhosos e mundanos atos, pensamentos e emoções, especulações e imaginações que compreende uma cultura humana complexa. A partir dos primeiros anos do século XX, pintores e escultores nas tradições européias de arte, mais do que qualquer época desde a Renascença, buscaram de modo consciente formas radicalmente novas de representar sua experiência no mundo. Eles se lançaram à criação de uma arte que revelariam aspectos da realidade [...] (GOODING, 2002, p. 10).

Continuando nesse entendimento, Mel Gooding vai destacando as interpretações que a obra tem no contexto histórico da sociedade, ao dizer que:

A “abstração” não tem nenhum ponto de partida determinado no tempo ou no espaço, e a partir de diferentes premissas ela seguiu várias direções, suas tendências divergindo e convergindo, cruzando-se e sobrepondo-se. Os artistas abstratos aprenderam com a diversidade das artes decorativas...⁸⁴

Mel Gooding destaca, ainda, que a arte abstrata “dá ênfase às pinturas e esculturas abstratas como objetos que tem uma história própria e são suscetíveis de uma diversidade de “leituras” pessoais.”⁸⁵ Destaco assim, o artista visual Henrique de Melo Spengler que utilizou-se desses meios para reconstruir, através da arte abstrata, os traços míticos dos Guaicurus, revelando ao homem uma visão estética da região e da existência do homem, expressando sua capacidade de reproduzir a criação de uma linguagem artística da região, com o registro da cultura indígena, onde o Henrique Spengler transformou em artes de várias formas e cores no tempo e da história cultural da região de Mato Grosso do Sul.

2.2 Contexto histórico da construção das obras de arte

As obras de arte são espelhos nos quais é possível ler o deslizar da vida, suasidas e vindas em direção ao mar da eternidade.
(Maria da Glória Sá Rosa)

Grandes mudanças ocorreram na cultura a partir do início da divisão do Estado. Os artistas passaram a realizar estudos, preocupados cada vez mais com a representação artística do novo Estado. Começaram a ter pontos de vista não apenas pela construção de novas formas, mas através da imagem, revelando elementos estéticos importantes da relação da figura humana, de grupos sociais.

A escritora Idara Duncan colocou em questão esse momento presenciado pelos próprios intelectuais, “... e agora quem somos nós? Parecia que nós estávamos olhando frente ao espelho e fazendo esta pergunta, qual é a nossa fisionomia?”⁸⁷ Como se após a divisão do Estado, os sul-mato-grossenses não tivessem expressões culturais, e com as obras de arte dos artistas e o Movimento Cultural Guaicuru, os artistas buscaram caracterizar, valorizar um dos elementos culturais da região. Possibilitando, assim, explicar porque as obras do Henrique Spengler se destacam por terem a capacidade de encontrar uma nova linguagem histórica da sua própria época, que satisfizesse a necessidade da criação de uma obra de arte que oferecesse inspiração aos valores essenciais da arte visual, fundamentando assim a nova estética do Estado.

Menegazzo ressalta a repercussão dos movimentos da arte onde, “o aparecimento das tendências abstratas nas artes está diretamente relacionado com as novas possibilidades de expressões que o homem encontra a partir do desenvolvimento técnico-científico e social (SÁ ROSA, 2005, p. 15). Neste sentido, olhando para a abstração da obra, podemos notar a narrativa ou cenário descritos nos elementos da própria pintura, estabelecidos dentro do seu próprio contexto histórico e artístico, servindo como fonte de inspiração à temática que Henrique Spengler utilizou, com novas maneiras de desenvolver suas obras, por meio do uso de novas técnicas de pintura, alcançando uma representação da realidade dos indígenas denominados Kadiwéus remanescentes dos Mbayá Guaicurus.

É possível pensar assim a partir da afirmação de Menegazzo, quando fala sobre o que representam as expressões artísticas abstratas:

O abstracionismo na arte se define primeiro por oposição ao figurativismo realista, que mantém relação necessária com a natureza. Neste sentido, a abstração é um dado sempre presente nas diversas fases da história das artes[...] O abstracionismo, ao saltar as amarras da realidade concreta, se situa como imagem do ser angustiado de um mundo em crise [...].⁸⁹

Dessa forma, a autora pontua o grau de intensidade que ocorre ao contemplar-se uma obra abstrata, onde ela estabelece a necessidade de observar a relação entre o sujeito e as manifestações do homem em sociedade, permitindo uma diversidade de leituras, estabelecendo relações de cores e formas entre a obra e o espectador. Como bem destaca Menegazzo “que busca antes de tudo ativar a mente e só depois os sentidos.”

Mediante toda essa representação transmitida, os artistas preocupados com a formação cultural após a divisão do Estado, buscaram de modo consciente formas radicalmente novas de representar a criação de uma plasticidade que revelaria aspectos da realidade e da mudança do espaço artístico-cultural, onde Henrique Spengler buscou utilizar ícones do passado da cultura humana com a natureza. O que estava ocorrendo era tudo novo, para o trabalho desses artistas e esta palavra novo se aplicava a tudo que estava acontecendo na vida dos artistas modernos engajados a representar o *design* e a estrutura cultural dos sul-mato-grossenses.

Como se pode observar nos quadros que se seguem, o panorama da arte sul-mato-grossense, vem contextualizar momentos significativos da construção iconográfica através de sua história, que já vinha sendo construída com base na história dos índios Guaicuru.

Estas obras encontram-se na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, são do memorial do artista Henrique de Melo Spengler. Grande parte dos seus trabalhos foram dedicados às pinturas abstracionistas dos indígenas Guaicuru, hoje os denominados Kadiwéus.



Foto 10: Abstração Guaicuru Autor: Henrique de Melo Spengler.

A observação sobre a tela *Abstração Guaicuru*, cria em cada um uma imagem de reconstrução histórica construída pela plasticidade da obra, percebem-se elementos que refletem a sociedade, resgatando a memória cultural que, segundo Menegazzo, “propõe a busca de uma identidade do homem com a natureza e a cultura de sua terra” (MENEGAZZO, 1991, p. 204). Neste ponto de vista, a autora enfatiza que traços fundamentais da figura do homem são selecionados para se fundir com o símbolo do animal regional, passando informações do passado com a realidade, porque estariam retratando um grupo, uma época que, em conjunto, foram agregados novos significados e valores do momento histórico em que o artista elaborou a obra de arte.

Nesta construção de identidade sul-mato-grossense em diferentes tempos históricos, onde o artista em questão trabalha formas e cores diferentes dos indígenas, ou seja, tinta a óleo sobre tela, que submete o animal da paisagem pantaneira não apenas de modo contemplativo, mas por apresentar elementos que oferecem ao comunicador visual características que permitem o desenvolvimento de uma linguagem artística revelando os valores da região pantaneira, porque toda obra de arte é reproduzida, como qualquer informação, mas as pinturas reproduzidas como a *Abstração Guaicuru* da figura 01, citada

acima com cores mais vibrantes, fortes tintas a óleo que mantêm as próprias informações dos traços dos indígenas, ao centro da obra, mesmo sendo uma reprodução da arte Guaicuru, ela transmite ao mesmo tempo referências à imagem original dos indígenas Guaicuru.

No quadro, *Abstração Guaicuru*, Henrique Spengler seleciona dois elementos essenciais, para reforçar as raízes da cultura indígena, as expressões iconográficas dos indígenas onde o artista conserva no centro da obra cores próximas dos nativos, mantendo as cores naturais usadas pelos Guaicuru que são o preto, o branco, o ocre e o marrom, passando uma informação de originalidade. Nesta visão, Tânia Mara de Cássia Azambuja mostra que, “Ele utilizava as cores ocre, marrom e preto como os próprios nativos utilizam [...]” (AZAMBUJA 2007, p. 08). Deste ponto de vista, Menegazzo salienta que “a realidade plástica do objeto é o que deve ser valorizado, bem como a sua relação com o espaço criado pelo artista.” Assim, o quadro *Abstração Guaicuru*, ao unir cores e valores culturais trilha um caminho em busca de uma estética abstrata, onde representa a figura humana dos ancestrais. Nesse preâmbulo, Maria da Glória enfatiza que:

As produções de Henrique Spengler lembram fotografias de um filme destinado a resgatar por meio da arte a saga dos índios de Mato Grosso do Sul. À maneira dos antigos cronistas-viajantes dos primeiros séculos da vida brasileira, o artista lançou um olhar amoroso sobre a história dos primeiros habitantes de nossa terra para recompô-la na linguagem dos signos (ROSA, 2005, p. 46).

Assim, a autora aponta como os artistas absorveram essa essência das etnias e projetaram em forma de traços, linhas, cores onde se estabelece uma dinâmica surpreendente sobre a arte e os padrões de abstrações contidos nas telas do artista.

Portanto, na contemporaneidade o artista Henrique Spengler utilizou-se do abstracionismo, tendo a visão de uma arte absoluta que busca, antes de tudo, fazer o espectador pensar nas formas e cores, que contêm na obra arte. Para Menegazzo, o aparecimento do uso abstrato nas artes “pretende intuir a necessidade de novas relações entre o sujeito contemplador e o indivíduo” (MENEGAZZO, 1991, p. 136). Despertando no leitor uma forma gráfica de valorizar os significados dos elementos visuais contidos na pintura.

À esquerda do quadro, o animal do pantanal sul-mato-grossense sobrepõe a estética da plasticidade da obra, incorporando os valores culturais de uma determinada região,

fundindo as expressões dos indígenas com a representação do animal que é característico da região. No quadro de Henrique Spengler *Abstração Guaicuru*, a figura é, expressamente humana e amalgamada com a figura do animal o contraste provocado pelas cores preto, azul e amarelo, aumenta a fusão destes elementos de poder entre o homem, o animal e a natureza existentes na região de Mato Grosso do Sul. Através da pintura decorativa dos índios Kadiwéus, o artista expressa nas imagens algo sobre a região e sobre a vida em sociedade, revelando a maneira como Henrique Spengler e o Movimento Cultural dos artistas pensavam sobre o momento em que a divisão proporcionava ao Estado. Desta maneira, a antropóloga Iara Penteado demonstra que o artista recria através da estética regional a história da arte. É o que fica claro na entrevista da autora:

Então, ele não criou algo dele, ele criou uma linguagem ao se apropriar da arte Kadiwéu, fazendo uma releitura da arte Kadiwéu né, então um trabalho bonito plasticamente muito bonito até porque a arte kadiwéu é muito bonita né, e aí no papel com aquelas cores mais mágicas ainda porque na cerâmica perde um pouco né, fica mais fria e ao passo que no papel ou na tela ela fica mais visível, mais vibrante, mais brilhante então é um trabalho interessante não há dúvida alguma de valor.⁹⁴

É a partir desse entendimento, então, que Henrique Spengler se aprofunda nas raízes Guaicuru, criando signos, desenvolvendo a estética e a abstração gráfica da humanidade e desenvolvendo possibilidades de acrescentar as belezas da fauna do Estado.

Neste contexto, a revista MS Cultura enfatiza a herança cultural deixada pelos ancestrais que ocuparam a região sul-mato-grossense:

Por quase trezentos anos ocuparam e dominaram, com exclusividade, quase todo território correspondente a Mato Grosso do Sul. Formaram a primeira plataforma sócio-econômica-cultural com abrangência correspondente à área do Estado. No final do período imperial, a tribo Kadiwéu, remanescentes direta dos Guaicuru, deu prova de brasilidade. Atualmente, a história Guaicuru vem sendo resgatada, registrada e difundida. Os Guaicuru tornaram-se referência do processo histórico de Mato Grosso do Sul e influenciaram, cada vez mais, a produção artística e a identidade cultural do povo sul-mato-grossense (MS CULTURA, 2001, p. 12).

Assim, fica claro que o aspecto das obras de Henrique Spengler vem remeter a uma

perspectiva histórica do registro da vida de um grupo, incorporando à trajetória de vida de determinados personagens. Para Lucilia de Almeida Neves Delgado, a construção da história social do homem se identifica na releitura dos vestígios deixados pelo passado:

É a busca de construção e reconhecimento das identidades que motiva os homens a debruçarem-se sobre o passado em busca dos marcos temporais e espaciais que se constituem nas referências reais das lembranças. Na verdade, para se recordar e também para se analisar os processos históricos, é necessário ativar-se a construção de signos, que se constituem como elementos peculiares de reatualização mental do passado (DELGADO, 2006, p. 49)

Conclui-se que, a preservação da memória é uma das grandes metas da construção das obras de arte visual, visto que os artistas visuais se tornaram o ponto de partida para a construção do presente e do futuro, pois só através da preservação da memória seria possível fazer-se o inventário da cultura e chegar à obtenção da identidade.

2.3 O uso geométrico e abstrato dos Kadiwéus nas obras do artista visual Henrique de Melo Spengler

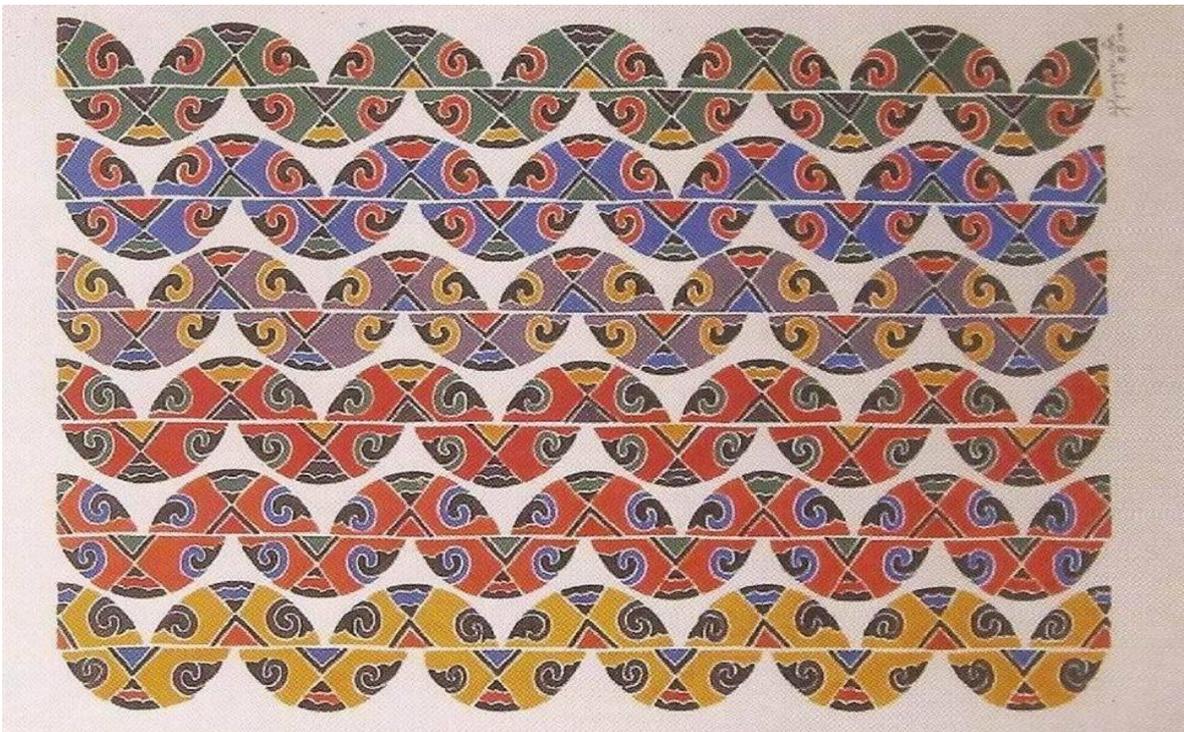


Foto 11: Dinâmica da cor, Autor: Henrique de Melo Spengler.

O padrão de elaboração da construção desta obra em três dimensões são característicos, regionais que, ao analisar os grafismos da etnia pesquisada encontra-se uma diversidade de cores que valorizam o trabalho artístico, onde a arte dos Kadiwéus os diferencia de outras etnias, onde se pode observar e definir em três ordens a obra *Dinâmica da cor*: natureza, cultura e simbologia dos indígenas Kadiwéu, com uma cultura e modo de vida muito diferente de outras etnias, visto que possuem uma imagem marcante característica de sua etnia, os mesmos tipos de desenhos geométricos são usados na decoração das cerâmicas, aplicados na face e no corpo dos índios de homens e mulheres, nas festas e rituais. Esta foto 11 – *Dinâmica da Cor* - mostra uma sofisticação de detalhes que, além de ter uma simetria bem definida, nota-se que é uma figura que está em constante continuidade, da direita para a esquerda e sugere movimentos, encontram-se em uma essência de beleza e equilíbrio nas cores.

O maior objetivo da arte é a valorização de sua cultura Kadiwéu, compõem sua linguagem muito diferente das outras etnias onde Henrique Spengler reconstitui em suas peças artísticas os traços nativistas, levando em conta que o artista se utiliza de recursos de valores culturais, assim como ressalta Menegazzo:

Neste sentido, revelar o homem contemporâneo e suas relações com o outro e o mundo passou a ser formalmente trabalhado a partir da deformação e da fragmentação dos elementos que constituem o discurso artístico. Através de reordenação dos fragmentos, o artista procura desvelar a fragmentação do ser, atribuindo-lhe novos significados (MENEGAZZO, 1991, p. 211).

Segundo a autora, a criação da imagem possibilita algumas expressões que faz o homem compreender a sociedade, as artes têm se acentuado em algumas regiões, onde a autora mostra “ [...] é possível ao artista reelaborar a linguagem regional e inserir os valores de sua cultura em uma dimensão universal (MENEGAZZO, 1991, p. 211), deste ponto de vista, as obras de arte do Henrique de Melo Spengler se tornaram documento do processo histórico.

Nesse embate das questões referentes às artes, Bessa-Oliveira salienta:

Em que consiste o caráter local de nossa arte? Podemos sugerir, também, uma proposta de resposta: acreditamos que também é muito difícil

formular uma identidade plástica fechada sobre a arte sul-mato-grossense, mas, em contrapartida, acreditamos e defendemos uma leitura dessas produções pautadas pelo reconhecimento das divergências e convergências culturais daqui de Mato Grosso do Sul. É preciso que a crítica pueril estabelecida aqui(re)formule novas leituras na tentativa de identificar as especificidades da arte sul-mato-grossense (MENEGAZZO, 1991, p. 204).

Nessa configuração do representar das artes plásticas, Bessa-Oliveira acentua, que o artista recria o caráter de um grupo, uma cultura ou um período histórico, ou seja, aparecem nessas produções uma releitura de elementos iconográficos indígenas que, na maior parte das vezes, as artes visuais são de grande utilidade para preservar, reproduzir e identificar pessoas, objetos ou preservar a memória de um indivíduo formado por figuras geométricas e cores vibrantes, podemos perceber isto a partir da visão do artista plástico Adilson Chieffer:

O artista contribui pela característica da sua linguagem plástica visual, o Henrique tinha uma linguagem plástica que era voltada à iconografia dos índios Kadiwéus só que ele deu um movimento pop¹⁰⁰ caracterizava isso natipop né...então não vou falar releitura é uma recriação da arte indígena no movimento neo moderno,...natipop é o pop nativo usando a iconografia dos índios Kadiwéus, então ele usava uma coisa nova, era dele, minuciosamente ele fazia uma coisa assim que a pessoa ficava lendo o dia inteiro aquela repetitividade que ele fazia com cores modernas, materiais e tintas modernas e papel coisa que o índio não faz. A gente teve uma vivência junto, com a plasticidade de uma iconografia de colocar dentro de um Estado novo, colocar as pessoas dentro dessa identidade cultural (CHEIFFER, 2021).

Vale observar que o artista visual Adilson Cheiffer expõe que Henrique desenvolveu uma técnica, buscando inspiração na cultura de um povo, na defesa do popular, que se comunique diretamente com o público por meio de signos e símbolos que foram retirados da cultura e da vida cotidiana. Os pop artistas querem justamente expor seu trabalho para a população em massa, demonstrando a força das imagens, como destaca o autor do livro *Pequena História Da Arte*, Duílio Battistoni Filho.

O autor procura analisar as correntes artísticas que tiveram larga influência para a sociedade dentro de um contexto moderno. Deve-se concordar com as palavras de Battistoni, ao citar o teórico Andy Warhol, artista pop americano, que disse: “A Art Pop deseja, sem alusão alguma, fazer com que as coisas falem por si mesmas” (BATTISTONI, 1987, p. 123). Nesse sentido, a arte pop se coloca na cena artística incorporada na história como arte e vida.

Henrique Spengler, da vida à cultura indígena com sua arte ele constrói, representa o real a partir desta referência indígena. Roger Chartier estudioso da história cultural francesa em seu texto: “A História Cultural: Entre práticas e Representações” destaca como: “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída” (CHARTIER, 1990, p. 77).

Assim antes de saber o que a história diz de uma sociedade, é preciso saber como ela funciona e qual o objetivo de sua relação com o seu meio social. O artista utiliza-se de técnicas dessa sociedade para recriá-la, aprende com as diversidades das artes decorativas dos nativos, com variações na estrutura de cada obra uma forma de repetir várias vezes um mesmo objeto e sobrepondo um sobre o outro. Michel de Certeau historiador que elaborou seu texto “A escrita da História”, cita “A articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade” (CERTEAU, 1982, p. 77). Como exemplo desta citação de Certeau pode-se perceber que todo contexto histórico tem um lugar ou objeto de produção, isso se percebe nos quadros, “*Abstração Guaicuru e Dinâmica da Cor*” que compõem as abstrações dos indígenas e o animal, símbolo regional. O artista reconstitui aquilo que representa as relações históricas existentes em seu meio social ou cultural. A partir daí, o artista usa técnicas abstratas, aprende com as diversidades das artes decorativas dos nativos, com variações na estrutura de cada obra, onde bem ressalta Mel Gooding que são identificados em cada obra como cita o autor que:

Os artistas abstratos criaram imagens originais que se equiparam em intensidade e força às da grande tradição da arte figurativa. A abstração não suplantou a arte representacional, mas ocupou um lugar ao seu lado, descobrindo novas possibilidades de visão, mudando a maneira como as coisas são vistas e conhecidas (GOODING, 2002, p. 77).

Pode-se perceber, o que Mel Gooding menciona em seu texto, o artista elabora em suas obras a imagem da realidade, representando assim, uma abordagem histórica de objetos ou informações onde o leitor passa a entender as expressões e significados, estabelecendo reflexões sobre a pintura.

Já no quadro “*Dinâmica da Cor*” percebe-se que os movimentos abstracionistas que Tânia Mara de Cássia Rodrigues Azambuja, autora da coleção Arte Regional cita que ele

“nos surpreende pela perfeição geométrica captada a partir da iconografia dos nativos, com um pouco de geometria grega e pelo contraste de cores, em tons de roxo, vermelho e azul” (AZAMBUJA, 2007, p. 08).

O quadro citado tem características de outras imagens ou objetos, reconstituído a partir de uma obra ou imagem já existente, ou seja, a arte dos Kadiwéus sendo reinterpretada de uma maneira atual, com uma visão contemporânea contextualizada em forma de arte. Maria da Glória, evidencia que as técnicas e materiais “sensibilizam o espectador pela perfeição geométrica, pelo contraste de cores, em que tons de roxo vermelho e azul alternam-se em figuras que tem alguma coisa da geometria grega” (SÁ GLORIA, 2005, P. 46).

Desse contexto extrair-se-ão outros conceitos onde Dondis pontua “seu desenho se torna, então, uma linguagem que todos podem compreender, mas que nem todos são capazes de falar” (DONDIS, 2007, p. 169). De acordo com Sandra Pesavento, se estabelecem dois parâmetros a serem seguidos em relação à obra artística, “com uma temporalidade escoada, com o não visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado [...]” (PESAVENTO, 2004, p. 42) e hoje na contemporaneidade, como esta relação pode ser analisada na sociedade e no meio das obras de artes dos artistas visuais da região. Dando a real ideia de que as obras artísticas dão credibilidade em seus registros, compreendendo seu valor social e cultural na formação historiográfica do Estado.

Neste sentido, segundo Menegazzo “as artes do século XX se transformam em um sistema de representação de uma visão do mundo em que a história e a existência se encontram fragmentadas” (MENEGAZZO, 1991, p. 235). Portanto, entender o documento artístico como representação histórica de um povo constituído historicamente, ou seja, ele reconstrói a história através da linguagem estética e contextualiza as transformações da realidade em que a linguagem artística vem passando, através do processo histórico, as múltiplas relações culturais, sendo que nelas:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de conduta e práticas sociais, dotadas de forças integradora e coesiva, bem como explicativa do real (PESAVENTO, 2004, p. 39).

Assim, fica claro nessas ideias tanto de Pesavento, quanto de Menegazzo que, a

imagem que a obra artística transmite é responsável por dar historicidade a uma sociedade com a finalidade de transformar e refletir a cultura, onde o artista alcança a proximidade do cotidiano do homem, ou seja, a arte se representa como parte fundamental no contexto regional e no campo historiográfico como fontes criadoras de culturas do indivíduo que são expressas através dos artistas. Para (DONDIS, 2007, p. 184) “[...] toda forma visual concebível tem uma capacidade incomparável de informar o observador sobre si mesmo e seu próprio mundo [...]” mas para que serve a obra de arte? A partir de suas narrativas Menegazzo pontua que:

Para que o artista possa revelar seu estar no mundo, é preciso que sua obra se configure em imagem que abarque ao mesmo tempo a individualidade, enquanto criação, a contemporaneidade, na visão do mundo e a esteticidade que, ao revelar o artístico, ultrapasse as barreiras de tempo e espaço (MENEGAZZO, 1991, p. 211).

Como é possível notar, as formas populares existentes no meio social, revelam observações semelhantes ao ponto de vista do artista, reproduz através da imagem a cultura popular em elementos estéticos que podem ser transformados em imagens da realidade sem perder suas características primitivas. Podemos entender que a obra de arte tem um texto e contexto que não se separa para transmitir a linguagem visual.

Na concepção do historiador e romancista John Berger no seu texto “Modos de ver”, salienta que “uma imagem é uma cena que foi recriada ou reproduzida. É uma aparência, ou um conjunto de aparências, destacada do lugar e do tempo em que primeiro fez sua aparição e a preservou por alguns momentos ou séculos” (BERGER, 1999, p. 11). O autor ainda pontua “nunca olhamos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos” (BERGER, 1999, p. 11). Com base nas imagens procura-se perceber as representações a partir do que se observa e as relações sobre como elas refletem a sociedade. Nesse sentido, as plasticidades do Henrique Spengler são construídas com profunda relação entre um presente e o seu passado, revelando a visão do mundo do homem indígena regional e do poder que a estética vem trilhando até os dias atuais. Considerando esta relação do homem com o seu passado, Berger ressalta:

Nesse aspecto, as imagens são mais precisas e ricas do que a literatura. Dizer isso não é negar a qualidade expressiva ou criativa da arte, tratá-la

como mera evidência documental; quanto mais criativa a obra, mais profundamente ela nos permite compartilhar da experiência que o artista tem do visível (BERGER, 1999, p. 12).

Contudo, para a construção da História do passado, o texto era usado para oferecer um testemunho às pessoas do mundo, na contemporaneidade, a experiência visual de olhar uma imagem são enriquecidas pelas memórias de nossas vidas e dar sentido histórico a ela, se torna essencial para tentar compreender e preservar por meio das imagens uma linguagem na qual cada um se pode tornar agente ativo do processo da formação historiográfica do Estado.

Para Berger, as imagens pertencem ao universo que sempre deixou marcados vestígios mais antigos do passado, algumas dessas fontes visuais tem uma longa história da sociedade, das civilizações, através das imagens se identifica uma variedade de grupos sociais que nem sempre são identificados pelo documento escrito.

Cabe ressaltar que as técnicas utilizadas por Henrique Spengler são consideradas uma das mais referenciadas dentre as dos grupos indígenas no Brasil, exibindo rica variedade de desenhos, cores e formas se tornando um ícone para a formação cultural do MS, de acordo com Idara Duncan:

A arte do Henrique veio trazer essa visão do que nós tínhamos de mais primitivo que as pessoas não lembravam que é os índios Guaicurus e ele veio valorizar as nossas raízes, a nossa essência... através do Guaicurus que, simbolizavam todas as tribos porque eram uns índios que eles escravizavam as tribos conquistadas, mas respeitavam seus valores, então eles conseguiam ser uma síntese da nossa referência indígena (DUNCAN, 2005, p. 12)

Segundo a autora, através da memória reconstruída pelas artes, pode-se assegurar um passado que poderia estar esquecido pela memória histórica e através das imagens dos historiadores e artistas que nos deixaram ao longo dos tempos. Pode-se observar que existem várias sociedades em diferentes tempos e espaços que graça aos homens essas impressões escritas deixam informações, traços da memória histórica e da memória social.

O conceito metodológico que perpassa na discussão das obras artísticas de Henrique Spengler em um estudo de interpretação da obra de arte dentro da formação histórica, onde

ela interpreta as expressões presentes em sua estética, refletindo assim a formação da identidade cultural do homem sul-mato-grossense.

Assim, quando se observar uma obra de arte do passado vem a pergunta: que sentido teria a vida sem a arte? No momento em que o homem começou expressar objetos através de imagens iconográficas se manifesta uma linguagem capaz de expressar indivíduos de uma sociedade, onde os traços são fundamentais para a construção social e cultural e principalmente na construção da contextualização dos fatos históricos. Nessa idéia, Roger Chartier pontua:

As representações do mundo social assim construídas embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamentos dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p. 17).

Cabe pois observar que é por meio da interpretação e inspiração que a obra alcança a “atividade próxima da humanidade, “ou seja, a arte se representa como parte fundamental no contexto regional e no campo historiográfico como fontes criadoras de culturas do indivíduo as quais são expressas através dos artistas.

Ao olhar as produções acima, voltam à lembrança aqueles símbolos onde Henrique Spengler via no índio um elemento mítico de maior valor em Mato Grosso do Sul. Outro artista plástico com suas inspirações também nos elementos culturais do Estado, Jonir Figueiredo, denomina a influência indígena, evidente na produção artística de Henrique. Jonir salienta que “a iconografia Guaicuru desses desenhos é equiparada a iconografia grega, desenhos gregos são comparáveis sabe a esse desenho gráfico e ele trouxe à tona uma coisa que estava esquecida e despercebida do conhecimento das pessoas.” Neste sentido, as composições plásticas visuais, inspiradas na audácia dos cavaleiros, símbolos de resistência, confere uma linguagem mítica, elaborando uma fusão de cultura e mito que procedem em sua obra elementos culturais de uma constante renovação da estética das nossas raízes.

3. PRODUTO FINAL: “SEQUÊNCIA DIDÁTICA GUAICURUS E A TRILHA PEDAGÓGICA CULTURAL”

Os desafios para os professores no planejamento das aulas de História é que os alunos adquiram conhecimentos baseado nos objetivos específicos estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em relação ao ensino de História Indígena.

(EF07HI08) Descrever as formas de organização das sociedades americanas no tempo da conquista com vistas à compreensão dos mecanismos de alianças, confrontos e resistências. (EF07HI09) Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, p. 423)

Sendo assim as aulas precisam ser dinâmicas, criativas e promover um ensino de História indígena com uma perspectiva decolonial e com foco nas relações de resistências dos Povos Indígenas. Em relação aos povos indígenas do Brasil eles são referenciados pela BNCC, em um tópico exposto logo a baixo em uma habilidade que se define como “Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática)”.

(EF08HI14) Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas. [...]

(EF08HI21) Identificar e analisar as políticas oficiais com relação ao indígena durante o Império. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, p. 425-427)

O produto final desta pesquisa será uma sequência didática que terá como conclusão um Jogo pedagógico em formato de “Trilha do Conhecimento”.

A História do Brasil é construída sobre a diversidade de sujeitos históricos, incluindo os países e povos imigrantes que aqui viveram ou foram trazidos. O ensino

da História dos povos indígenas foi durante muito tempo negligenciado no ensino tradicional da História do Brasil, excluindo os povos indígenas como se não fossem protagonistas da História da nação.

Isso se deve principalmente pela influência da historiografia do século XIX, que aderiu aos valores das elites da época, que optaram por utilizar de um ensino de História eurocêntrico e elitista que retratasse os valores da época.

A efetivação da Lei 11.645 possibilitou compreender e ampliar o campo de pesquisa sobre os diversos povos indígenas existentes no Brasil, com o objetivo de superar preconceitos históricos existentes e a exclusão da História e Cultura dos povos indígenas em relação a historiografia, com a ampliação do campo de pesquisa novas fontes tem surgido nos últimos anos e possibilitado aos pesquisadores, professores ampliar os seus objetos de ensino e pesquisas, nessa ideia Edson Silva pontua:

A efetivação da Lei 11.645 possibilitará estudar, conhecer e compreender a temática indígena. Superar desinformações, equívocos e a ignorância que resultam em estereótipos e preconceitos sobre os povos indígenas, reconhecendo, respeitando e apoiando os povos indígenas nas reivindicações, conquistas e garantias de seus direitos e em suas diversas expressões socioculturais, a efetivação dessa Lei, além de mudar antigas práticas pedagógicas preconceituosas, favorecerá novos olhares para a História ea sociedade.

Ao propormos o trabalho com os alunos sobre os povos indígenas da etnia Guaicuru, devemosressaltar a importância da realização da sondagem para a realização de um planejamento adequado referente a História dos povos indígenas. Para Edson Silva (2012, p. 221) O ponto de partida para o ensino crítico da temática indígena consiste em considerar sempre a atualidade dos povos indígenas. Ou seja, por meio de usos de mapas para localização dos povos indígenas atuais, desvincular a ideia de passado colonial em que todos os índios supostamente foram exterminados. Para melhor organizarmos as etapas desta sequência didática, este produto deverá conter objetivo, conteúdo pretendido, atividades e avaliação.

3.1 A Sondagem com meio de diagnosticar o nível de conhecimento dos alunos

A sondagem é necessária para determinar o conhecimento prévio dos alunos e usá-lo para planejar o conteúdo deste modelo de sequência didática, propondo aos alunos discussões acerca da história das populações indígenas que habitaram/habitam o território brasileiro, tendo em vista as premissas da lei 11.645/08 trabalhando os seguintes objetivos:

- Identificar conhecimentos prévios dos alunos e suas noções de tempo histórico.
- Identificar seus conhecimentos da história indígena.
- Instigar nos alunos interesse em aprofundar estudos a respeito da história indígena brasileira.
- Instigar os alunos a colocarem em jogo seus conhecimentos e noções de tempo, através de uma atividade de análise de imagens relacionadas à história indígena, em que são solicitados a agregar aos cenários das imagens objetos de diferentes, origens, épocas e culturas, julgando aqueles que estabelecem coerência com o contexto, o tempo e o espaço.

O professor deverá construir e disponibilizar para os alunos com base nos objetivos específicos elencados acima uma ficha técnica a respeito da biografia do artista plástico Henrique Spengler, a etnia Guaicuru, o Memorial Henrique Spengler e a sua produção artística que constitui o acervo museológico da instituição.

Após a entrega da ficha técnica, o professor trabalhará em 02 aulas os principais aspectos da biografia de Henrique Spengler, a História do Memorial e os aspectos histórico-culturais dos povos Guaicurus.

Ficha Técnica construída e disponibilizada pelo professor aos alunos

FICHA TÉCNICA

“A OBRA DE HENRIQUE SPENGLER, OS POVOS GUAICURUS E O MEMORIAL”

HENRIQUE DE MELO SPENGLER

O artista Henrique Spengler (1958 - 2003) foi Diretor de Cultura da Prefeitura Municipal de Coxim, MS. Formou-se em Educação Artística pela FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado (1981) e era pós-graduado em História da Arte. Membro ativo de associações em favor da cultura indígena criou uma nova visão contemporânea ao reinventar imagens baseadas nas abstrações das cerâmicas, couros e tatuagens da tribo Kadiweo-Mbayá, originária do Sudoeste de Mato Grosso do Sul. Era um artista neo-nativista muito original, tendo desenvolvido a técnica em gravura "cotton", que consiste em imprimir no papel suporte valendo-se de um lençol como matriz.

Participou de diversas exposições e salões, tendo sido premiado várias vezes. Recebeu o "1º Prêmio em Gravura" no 3º e 5º Salão de Artes de Dourados, MS. Participou da exposição "Por uma Identidade Ameríndia" em Assunção, Paraguai, e em La Paz, Bolívia. As gravuras do artista são releituras da simbologia nativa "Guaicuru".

O MEMORIAL

O Memorial Henrique Spengler e Centro de Documentação Histórica da Região Norte do Estado de Mato Grosso do Sul foi reinaugurado no dia 10 de dezembro de 2014 após reforma em suas instalações e trabalho de conservação curativa e preventiva em seu acervo. Este é composto por peças em cerâmica, argila, pinturas em tela, esculturas em madeira, gravuras e objetos pessoais do artista plástico Henrique Spengler. Grande parte dos artefatos elencados foi produzida pelo artista, mas há também obras de diferentes autorias colecionadas por ele.

Após a morte de Henrique de Melo Spengler, em 20 de março de 2003, a casa do artista, que também funcionava como o seu ateliê, fora doada por sua família à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Coxim, para tornar-se, juntamente com sua obra, um Memorial de preservação, estudos e divulgação da arte de Spengler, inspirada, especialmente, na iconografia identificada ao grupo étnico Mbayá-Kadiwéu-Guaicuru. Estes, tanto no passado quanto no presente, ocuparam regiões hoje delimitadas como o estado do Mato Grosso do Sul.

O museu desempenha um importante papel na sociedade como instituição que preserva e conserva registros históricos que fundamentam pesquisas de áreas afins que se interessam pela arte de inspiração indígena. Entendemos, porém, que as instituições museológicas devem também desempenhar outras funções que as aproximam da comunidade que as cercam. Nos últimos anos a função social dos museus foi revista e ampliada deixando de ser apenas um espaço que guarda vestígios do passado para ser instituição viva que atua no espaço social em que está inserido promovendo educação patrimonial e cultural e atuando como lugar de democratização da memória social.

OS ÍNDIOS GUAICURUS

Os Guaicurus eram índios muito valentes que habitavam os estados do Mato Grosso do Sul, Goiás e no Paraguai na região do Chaco. O nome guaicuru em tupi-guarani significa uma pessoa sarmentosa, indivíduo encarado, malvado ou traidor. No geral, era um codinome usado para termos depreciativos.

Ficaram conhecidos como índios cavaleiros que além de cavalgar se aperfeiçoaram na caça. Saqueavam outras aldeias principalmente as dos Guaranis e tribos dos territórios dos espanhóis que se dedicavam à agricultura. Tinham também o ato de escravizar quem não era ao seu favor.

Ainda não se sabe ao certo como os guaicurus tiveram acesso aos cavalos, alguns relatos alegam que foi por volta de 1542, após entrarem em conflito com o espanhol Alvar Nunez Cabeza de Vaca que a partir de então, eles se apropriaram de algumas espécies e começaram a criar se tornando excelentes cavaleiros.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antonio Augusto (Org.) Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo Brasiliense/CONDEPHAAT, 1984.

BOURDIEU, Pierre. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003.

CASTRO, Ana Lúcia Staines de. Memórias clandestinas e sua museificação. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

A criação da Lei nº 10.639/03, alterada posteriormente pela Lei nº 11.645/08, corresponde a uma inovação a respeito do ensino de História, Cultura dos povos indígenas e negros no Brasil, não somente por ter representado a inserção dos estudos das culturas e História dos povos indígenas e negros no currículo brasileiro, mas de uma Política pública educacional de reparação histórica em relação as desigualdades raciais historicamente constituídas no Brasil e perpetuadas pelo sistema de ensino eurocêntrico elitista colonial brasileiro.

O objetivo maior concentra-se na contextualização e na compressão do processo de construção das diferenças e das desigualdades. O propósito é que os currículos desenvolvidos tornem evidente que elas não são naturais; são ao contrário “invenções/construções”, históricas de homens e mulheres, sendo, portanto, passíveis de seres desestabilizadas e mesmo transformadas (CANDAU e MOREIRA, 2008, p.30).

Portanto, deve-se levar em conta que o papel da História nas escolas não é simplesmente ensinar conceitos e conteúdos históricos, mas tornar o conhecimento histórico acessível e que o estudante se torne protagonista de sua própria História que permita que os alunos desenvolvam formas de pensar e compreender os espaços históricos que vivem a partir de suas realidades.

O olhar dos estudantes a respeito dos objetivos do autorreconhecimento por meio das propostas de aulas sobre História indígena e um dos objetivos a serem alcançados pelo professor, mas para isso aconteça e necessário que o professor tenha uma metodologia para aplicar e trabalhar com os estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental se tornando a proposta de produto final desta pesquisa de dissertação.

Assim como preconiza o Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul- Base Nacional Comum Curricular a respeito das unidades temáticas, objetos de conhecimento, habilidades e ações didáticas para o 8º ano a respeito do ensino de História indígena.



HISTÓRIA - 8º ANO

Unidades Temáticas	Objetos de Conhecimento	Habilidades	Ações Didáticas
			populações negras indígenas, por exemplo, a discussão sobre a escravidão africana no Brasil e na América Espanhola; ao levantamento dos contingentes populacionais negros nos países do Caribe, onde são majoritários e, em menor quantidade, na Colômbia, Peru e Equador e, ainda, atentar-se para o elemento da violência que é mantido por interesses econômicos e manutenção de privilégios da classe dominante. Entretanto, será relevante estabelecer um contraponto entre a continuidade da escravidão aos afrodescendentes e a tutela dispensada a vários grupos indígenas, nesse contexto específico, pós independência do Brasil.
Os processos de independência nas Américas	Implementação da política indigenista no Brasil no século XIX, no Antigo Sul de Mato Grosso e o impacto dela sobre as populações indígenas.	(MS.EF08HI00.n.15) Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas do Antigo Sul de Mato Grosso.	Ater-se ao caráter intencional da habilidade, qual seja, observar os elementos históricos de um dado tempo e espaço e, dar voz a uma população, por vezes esquecida e/ou silenciada. Será profícuo tocar em questões enraizadas no imaginário coletivo, questões que, em muito, contribuem para a manutenção do preconceito e discriminação à sociedade indígena. Para trabalhar esses elementos pode-se propor o debate sobre referenciais do senso comum sobre essas populações, pode-se destacar os estereótipos e preconceitos sobre as populações indígenas, de maneira que o estudante possa analisar criticamente os estigmas, por exemplo, um dos mais comuns, "índio preguiçoso". É possível suscitar, também, uma análise sobre a ideia romântica representada na literatura pós independência do Brasil, que figurava o indígena como um herói romântico e dócil. Questionar: tal princípio nativista da "nova pátria" contribuiu para a valorização e promoção de direitos civis a essas populações? Quais os impactos gerados pela política de tutela imposta aos povos indígenas em territórios onde hoje é o Mato Grosso do Sul? Como a sociedade, de maneira geral, analisa a questão da tutela: reparo? Desperdício? Necessário ou desnecessário? A metodologia para trabalhar essas temáticas deve proporcionar uma postura investigativa e de abertura para o novo. Será relevante o uso de excertos textuais, de mapas e das TDIC, assim, a habilidade estará em correspondência com a competência específica n. 7 e a geral n. 5.
Os processos de independência nas Américas	Modelo escravagista no Antigo Sul de Mato Grosso • "Fábrica de Escravos" • Protocampesinato - o escravo camponês.	(MS.EF08HI00.n.16) Discutir a existência e participação dos africanos e/ou afrodescendentes em terras sul-mato-grossenses no final do período colonial, caracterizando os modelos escravistas adotados nesse território.	A habilidade aprofunda a (MS.EF08HI14.s.14), no entanto, agora o olhar volta-se para os elementos da história regional e o regime da escravidão no período pós independência, em territórios onde atualmente é Mato Grosso do Sul. É necessário que o estudante perceba as diferenças desse modelo escravista em relação ao modelo clássico e genérico conhecido na história do Brasil. Esclarecer que existiram as chamadas "fábricas de escravos" ou "criadores de escravos", termos que fazem referência às fazendas destinadas a abrigar escravos, para depois encaminhá-los ao trabalho ou comercializá-

3.2 Produto Final- Sequência Didática: “Diálogos com o Movimento Cultural Guaicuru e o Memorial Henrique de Melo Spengler e a construção de um Jogo Pedagógico: “Trilha do Conhecimento Guaicuru”

Segundo Zabala (1998, p.18) define sequência de atividades ou sequência didática:

Um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos. (ZABALA, 1998, p. 18)

Batista, Oliveira e Rodrigues (2016) afirma que: é importante considerar, ao planejar uma sequência didática, as relações interativas entre professor/aluno, aluno/aluno e as influências dos conteúdos nessas relações, o papel do professor e o papel do aluno, a organização para os agrupamentos, a organização dos conteúdos, a organização do tempo e espaço, a organização dos recursos didáticos e avaliação.

De acordo com DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 97:

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

Quanto ao procedimento metodológico da SD, Dolz, Noverraz e Schneuwly o definem como “um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.97), seu objetivo é trabalhar com tipos não convencionais ou parcialmente de gêneros não dominados pelos estudantes.

A sequência didática de acordo com os autores tem o objetivo de dar acesso aos alunos a novas práticas de linguagem, segundo o autor são quatro as componentes da sequência didática que pode ser representada pelo seguinte esquema:

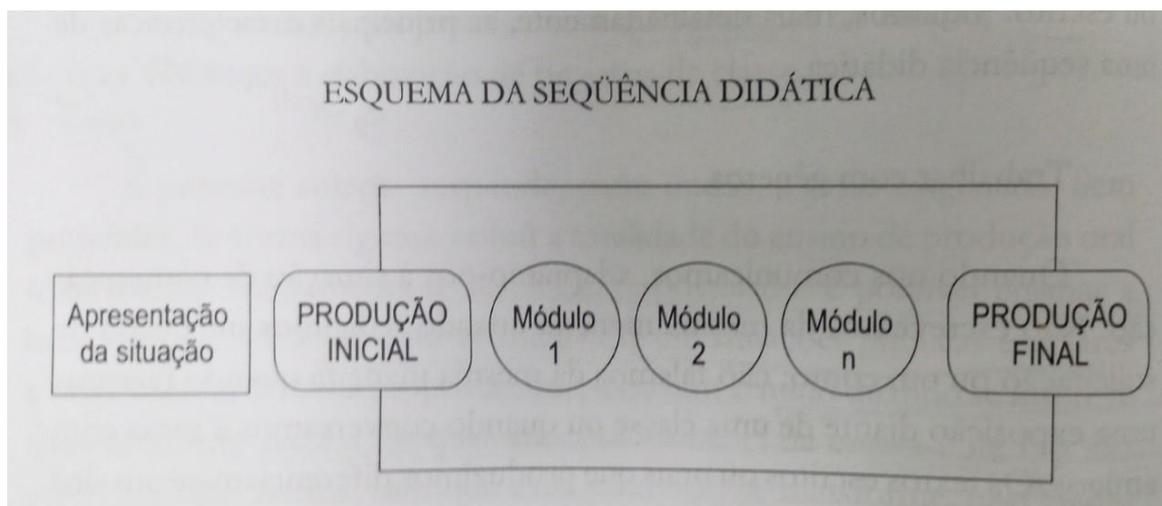


Imagem 03: Gêneros Oraís e Escritos na Escola Joaquim Dolz 2001, p 98

Segundo os autores esse esquema de sequência didática tem o objetivo de orientar o percurso na qual o professor terá que seguir para desenvolver um ensino de forma completa atingindo os objetivos propostos para a aprendizagem dos estudantes.

Seguindo essa estrutura após o professor ter feito uma apresentação da situação na qual precisará ser descrita de forma detalhada para que os alunos possam elaborar suas percepções a respeito dos seus conhecimentos prévios, na fase da produção inicial possibilitará ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e realizar os ajustes necessários previstas na sequência didática às possibilidades e dificuldades encontradas pela turma.

Os módulos, constituídos por atividades garantem um grande instrumento de diagnóstico para que se possa trabalhar de forma mais sistemática e aprofundada para que no momento da produção final descrita pelos autores, o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos assim o professor conseguirá ter uma dimensão dos conhecimentos alcançados pelos alunos.

Objetivos:

- Reconhecer a importância do Movimento Guaicuru para a construção da identidade do Estado de Mato Grosso do Sul a partir da História, Cultura dos povos Guaicurus.
- Compreender a importância dos trabalhos artísticos do artista plástico Henrique de Melo Spengler para o resgate e valorização dos povos indígenas Guaicurus.

- Possibilitar que Memorial Henrique Spengler seja uma instituição promotora de uma ação crítica e com viés transformador da sociedade, inserindo o fazer cultural na dinâmica do cotidiano da comunidade escolar para ser instituição viva que atua no espaço social em que está inserido promovendo educação patrimonial e cultural e atuando como lugar de democratização da memória social.
- Desenvolver a habilidade de analisar documentos históricos.

Apontamentos preliminares:

A proposta a seguir de sequência didática se concentra na análise de diferentes contextos, linguagens que podem expor os alunos às memórias e representações dos povos indígenas Guaicurus em diferentes momentos da História do Movimento Cultural Guaicurus em Mato Grosso do Sul.

Diferentes momentos dessa sequência didática permitem o desenvolvimento de conhecimentos étnicos, culturais e históricos dos povos Guaicurus. Espera-se que este trabalho possa promover um resgate cultural e memorialístico por meio do ensino de História indígena a partir dos povos Guaicurus e também desenvolvam a capacidade de analisar as diversas fontes historiográficas estabelecendo um diálogo com o campo das artes.

Tema e Conteúdos propostos:

- Conceituar os Povos Guaicurus: História, Cultura e Organização social.
- Conceituar a Instituição Museológica: A História do Memorial Henrique Spengler e a sua função social no município de Coxim-MS.
- Trabalhar a biografia do artista plástico Henrique de Melo Spengler.
- Trabalhar com o acervo museológico armazenado no Memorial.
- Trabalhar o estilo artístico criado pelo artista Spengler.
- Trabalhar com as representações, olhares e produções de artistas plásticos, amigos e familiares de Spengler.
- Entender os olhares e vivências dos alunos em relação à História indígena guaicuru.

Anos:

Turmas dos oitavos anos do Ensino Fundamental II.

Duração:

10 aulas de 50 minutos cada.

Sequência Didática

Objetos de conhecimento (BNCC)	Habilidades (BNCC)
O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos	(EF05HI03) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.
O que forma um povo? da sedentarização aos primeiros povos	(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

1º Aula**O que os povos Guaicurus têm a nos ensinar?**

Imagem 04: Representações iconográficas Guaicuru 1970

Objetivos gerais

O objetivo dessas duas aulas é destacar a importância dos povos Guaicurus na composição da cultura da sociedade Sul-mato-grossense, denotar suas heranças e conhecimentos transferidos de geração em geração e aprofundar aspectos da cultura dos povos indígenas que habitaram o território hoje denominado de Mato Grosso do Sul, com o objetivo de enfatizar a ideia de respeito e tolerância à diversidade, bem como a valorização dessa cultura, que através de muitos de seus elementos constitui a cultura brasileira.

Desenvolvimento da aula

Duração: cerca de duas aulas de 50 minutos (cada).
Recursos e/ou materiais necessários: Projetor, lousa; giz; duas cartolinas brancas (um para cada etapa da atividade); fita adesiva; marcador colorido; lápis, borracha; caderno; impressora, papel revestido para impressão dos materiais listados nas referências abaixo (Imprima um material de referência por grupo, para um total de quatro exemplares por grupo).
<p>Sugestões de textos como referência: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-quem-foram-os-temidos-indios-guaicurus.phtml; https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/da-origem-a-complexa-estrutura-social-5-curiosidades-sobre-os-antigos-guaicurus.phtml Acesso em: 13 de Jun de 2022; https://incrivelhistoria.com.br/guaicurus-indios/https://www.parquedasnacoesindigenas.ms.gov.br/monumento-aos-cavaleiros-guaicurus/ https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50481327 Acesso em: 13 de Jun de 2022; http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/textos/herberts1998/completa.pdf Acesso em 13 de Jun de 2022.</p>
Objetivos específicos: Investigar o conhecimento prévio dos alunos sobre alguns aspectos dos povos Guaicurus, e suas culturas e tradições; sistematizar hipóteses levantadas por meio da produção coletiva de textos; ler textos informativos, mapas e tabelas que aparecem nas referências.

Aula 1

Inicie a aula com uma roda de conversa, onde ocorrerá um debate. Comece discutindo os tópicos da aula e faça perguntas aos alunos como: "O que são os povos indígenas?"; "Você pode dar exemplos de povos indígenas?"; "Você conhece os costumes desses povos?"; "Você conhece a cultura dessas pessoas?". ouvi-los e estar preparado para intervir, se necessário, corrija-os e leve-os à conclusão desejada.

Com essa atividade espera-se que os alunos identifiquem os costumes e cultura de alguns povos indígenas brasileiro, reconhecendo alguns elementos dessas culturas existentes no dia a dia deles, tais como culinária, artesanatos, monumentos memorialísticos e religiosidade.

É importante o professor conduzir essas discussões permitindo aos alunos identificar alguns dos legados deixados para trás por esses povos. Mencionando oralmente os aspectos relevantes da contribuição dessa cultura para as gerações futuras, tais como as influencias dos Guaicurus na culinária sul-mato-grossense, nas danças, nas vestimentas e na fisionomia da população pantaneira.



Foto 11: acervo pessoal, aulas no espaço do Memorial explicando as técnicas de camuflagens dos Guaicurus

O professor deverá continuar as explicações sobre os principais aspectos da cultura dos povos Guaicurus, comentando que além das questões culturais deixados de herança na cultura dos sul-mato-grossenses os povos Guaicurus foram muito importantes para a expansão do território da coroa portuguesa para o oeste do continente e também para a manutenção dos territórios conquistados durante a Guerra do Paraguai.

A cultura dos povos Guaicurus está viva presente no dia a dia das famílias sul-mato-grossenses e importante comentar para com os alunos que tradições culturais são passadas de geração para geração e permanecem vivas no cotidiano das pessoas, ao final dessa conversa o professor perguntará aos alunos se eles conseguem reconhecer alguns aspectos da cultura dos povos Guaicurus existentes em sua comunidade e família que foi transmitido dos seus antepassados de geração para geração, o professor precisara reservar alguns minutos para que os alunos possam refletir sobre esses aspectos permitindo aos alunos que reconheçam praticas culturais dos povos Guaicurus existentes em suas comunidades e famílias, se necessário com ajuda dos textos indicados o professor pode ir pontuando aspectos da cultura sul-mato-grossense tais como a musicalidade, culinária, danças, vestimentas e traços étnicos existentes na população do Estado.

Em seguida o professor aproveitará os exemplos descritos pelos alunos para fazer novos questionamentos a eles, agora sobre as suas relações com essa cultura descrita por eles, fazendo questionamentos como: Você sabia da influência cultural guaicuru no seu dia a dia?

Você conhecia a cultura dos povos Guaicurus? Você sabia que os povos Guaicurus viviam neste território? Na sua visão os povos Guaicurus ainda existem ou foram extintos?

É importante que o professor escreva esses questionamentos na lousa respondendo item por item com a ajuda dos alunos esses mesmos questionamentos escritos na lousa devem constar em uma cartolina branca, em uma coluna feita do lado esquerdo, para ser afixada na lousa com fita adesiva, assim possibilitando o protagonismo dos alunos no processo de autorreconhecimento cultural.

É importante ressaltar que nesta etapa da aula os alunos possam estar organizados em grupos pequenos de quatro alunos para todos possam interagir juntos e construir as suas respostas com base na cooperação, caso seja necessário o professor pode fazer interferências, mas deve proporcionar o protagonismo dos alunos.

Aula 02

O Movimento Cultural Guaicuru



Imagem 05: Colagem Manifesto artístico Guaicuru de MS 2010

Objetivos gerais

O objetivo dessas duas aulas é apresentar aos alunos o Movimento Cultural Guaicuru, surgido em 1979 em Campo Grande fruto da ânsia de jovens produtores culturais do recém novo Estado dividido, o objetivo desse movimento era promover a construção da História e Identidade do novo Estado criado a partir da identidade cultural dos povos Guaicurus, que na qual o movimento afirmava ser correspondente a primeira base social, econômica, política e cultural do novo Estado formado.

Desenvolvimento da aula

Duração: Cerca de duas aulas de 50 minutos (cada).
Organização dos alunos: roda de conversa.
Recursos e/ou materiais necessários: Projetor, lousa; giz; cartolina; caneta hidrocor; lápis, borracha; caderno
Sugestão de texto como referência: https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/3941 ; Acesso em: 13 de Jun de 2022. https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/06/RENATA-RODRIGUES-DE-ASSIS.pdf ; Acesso em: 13 de Jun de 2022.
Objetivos específicos: Conhecer a História do surgimento do Movimento Cultural Guaicuru, seus valores iconográficos e a trajetória dos militantes na busca da construção de um Estado com a identidade Guaicuru.

Inicie a aula dividindo a turma em grupos de 4 alunos, distribua a cada grupo 1 cartolina e canetas hidrogel coloridas, na sequência explique aos alunos a trajetória do Movimento Cultural Guaicurus e as suas contribuições para a formação da identidade sulmatogrossense e o resgate da cultura e História dos povos Guaicurus, o professor deverá ser o mais dinâmico possível com o uso do projetor organize um power point com slides retratando os principais nomes artísticos do que integraram o movimento e as suas peculiaridades artísticas.

Contou com a participação inicial de artistas plásticos, tais como: Jonir Figueiredo, Adilson Schiffer, Ilca Galvão, Miska, Silva Rocha, Mary Slessor, Francisco Chamorro (Kinho), Mário Filho, Luiz Xavier; o artista plástico e historiador Henrique Spengler; o arqueólogo, professor e artista plástico Paulo Rigotti; a atriz e presidente do teatro Amador (FESMATA) Cristina Matogrosso; o escritor Luís Antônio Torraca e o articulista, artista e compositor Ilson Boca Venâncio.

Prossiga a aula expondo as obras produzidas por esses artistas sempre relacionando com a ideia defendida pelo movimento de tentar forjar uma identidade Guaicuru para o recém Estado Criado, e interessante o professor abordar que a militância desse movimento sofreu diversas perseguições por parte de uma elite ruralista que divergiam dos militantes do Movimento Guaicurus nessa disputa pela construção da memória e representações identitárias de MS.

Os artistas plásticos que participaram do MCG traduziram esteticamente uma identidade cultural para o Mato Grosso do Sul e tiveram uma atuação marcante na vida cultural do estado até o final do século XX. Proclamavam a necessidade do resgate, registro e difusão

do processo histórico e identidade cultural do povo sul-mato-grossense. Além disso, preconizaram conforme o Estatuto da Unidade Guaicuru, a “divulgação das artes e expressões artísticas educativas e folclóricas do povo guaicuru” (BRASIL, 1984, p.28).

Por fim o professor devera encaminhar a cada grupo formado dois artistas plásticos que fizeram parte do MCG e pedir que os alunos produzam as representações de suas principais obras assim como suas biografias, para a realização dessa atividade o professor deverá reservar uma aula para a confecção dos cartazes com as obras e biografias dos artistas do Movimento Cultural Guaicurus.

Após a confecção dos cartazes o professor poderá organizar uma exposição com as releituras das obras produzidas pelos alunos em sala de aula e promover uma visita dos demais grupos em cada obra produzida assim como as explicações das biografias dos artistas.

Aula 03

O artista plástico Henrique Spengler de Melo



Foto 12: Henrique de Spengler de Melo, acervo Memorial

Objetivos gerais

O objetivo dessas duas aulas é apresentar a biografia e trajetória artística de Henrique Spengler de Melo, membro ativo de associações de apoio às culturas indígenas, criou uma nova visão contemporânea ao reinventar imagens abstratas baseadas em cerâmica, couro e tatuagens da tribo Kadiweo-Mbayá, no sudoeste de Mato Grosso do Sul. Foi um artista neo-nativista muito original que desenvolveu a técnica de gravura em "algodão", que consistia em imprimir em papel usando uma folha de papel como matriz. Participou de muitas exposições e salões e ganhou muitos prêmios. No 3º e 5º Salão de Artes de Dourados, MS conquistou o "Primeiro Prêmio de Gravura". Participou das exposições "Por uma identidade indígena americana" em Assunção, Paraguai, e La Paz, Bolívia. As gravuras do artista são uma releitura do símbolo indígena "Guaicuru".

Desenvolvimento da aula

Duração: Cerca de 04 aulas de 50 minutos (cada).				
Organização dos alunos: roda de conversa.				
Recursos e/ou materiais necessários: Projetor, lousa; giz; cartolina; caneta hidrocor; lápis, borracha; caderno, barbante, prendedor de roupas, pincel, tinta guache.				
Sugestão	de	texto	como	referência:
http://www.oriondias.com.br/conteudos/henrique.pdf				
https://cpcx.ufms.br/memorial				
Objetivos específicos: Conhecer a biografia do artista plástico Henrique Spengler de Melo, sua trajetória artística e militância por meio do Movimento Cultural Guaicuru.				
.				

Inicie a aula dividindo a turma em grupos de 4 alunos, distribua a cada grupo 1 cartolina e canetas hidrogel coloridas, na sequência mostre aos alunos slides previamente preparados sobre a biografia e trajetória artística de Henrique Spengler, o professor deverá ser o mais dinâmico possível com o uso do projetor organize um power point com slides retratando as artes plásticas produzidas pelo artista e as suas peculiaridades artísticas.

Após o professor trabalhar com os slides, o professor distribuirá para cada grupo uma obra de Spengler, uma cartolina, canetas hidrogel, pinceis e tintas guache e pedirá aos alunos que reproduzam as obras nas cartolinas, para essa atividade o professor poderá disponibilizar duas aulas para a realização das obras, após a reprodução o professor organizará um “varal

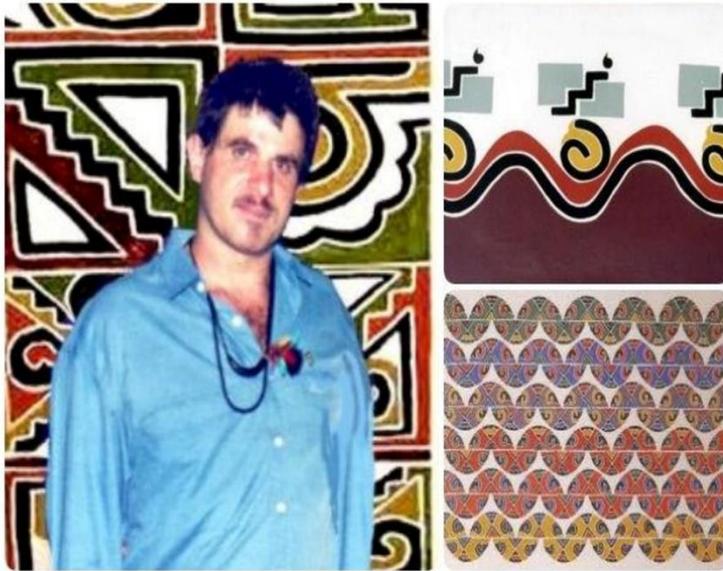
artístico Guaicuru”, dentro da sala de aula e cada grupo percorrerá o varal para conhecer o trabalho realizado pelo outro grupo, dessa forma cada grupo apresentará a partir da obra que ficou responsável um aspecto artístico de Spengler, também para ajudar os alunos na apresentação dos trabalhos no “varal artístico”, o professor poderá solicitar que que grupo produzam uma ficha técnica explicando as principais características das artes de Spengler.

Ao final do trabalho cada grupo terá percorrido todos os trabalhos expostos no “varal artístico”, dessa forma eles terão a oportunidade de conhecer de forma dinâmica vários aspectos das artes de Spengler.

Na sequência disponibilizarei um conjunto de slides que o professor poderá utilizar em suas aulas sobre o artista plástico:



Imagem 06: Bandeira Guaicuru, Power point do autor.



Henrique de Melo Spengler

Foi um dos mais significativos artistas plásticos de MS, Nasceu em Campo Grande em 06 de fevereiro de 1958.

Em São Paulo Formou-se em Artes Plásticas, se tornando um grande pesquisador historiográfico e ativista do Movimento Cultural Guaicuru.

Spengler desenvolveu seus trabalhos em cima de um estilo de arte abstracionista e neo-nativista.

Imagem 07: Henrique Spengler, Power point do autor.

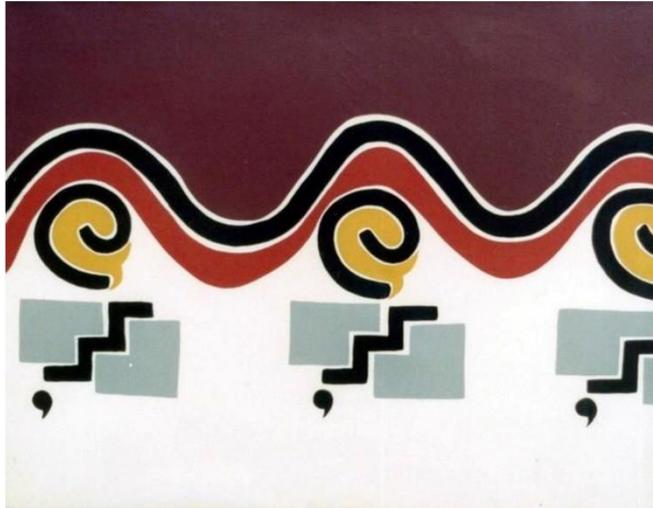


Spengler e o Movimento Cultural Guaicuru

Logo após a divisão do Estado de MT, no dia 11 de outubro de 1977, Spengler e outros artistas regionais criaram um núcleo em Campo Grande que mais tarde se chamaria Unidade Guaicuru de Cultura.

Em uma casa, que existia na avenida Calógeras, quase esquina com a Dom Aquino, eles reuniam historiadores, artistas plásticos, jornalistas, escritores, poetas, universitários e amigos em torno de suas causas: Revelar a verdadeira identidade cultural de Mato Grosso do Sul.

Imagem 08: Bandeira Guaicuru, Power point do autor.

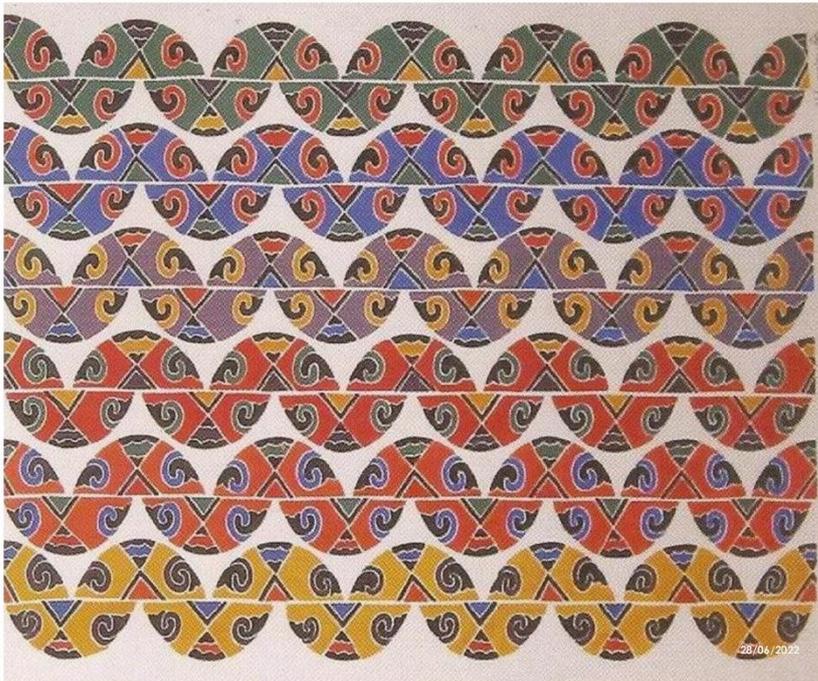


A iconografia Guaicurá

Spengler se dedicou em pesquisar a iconografia dos povos Guaicurus, após anos de pesquisas o artista passou a utilizá-las em suas obras, retratando as representações Guaicurus em seus quadros, criando cores a partir de pigmentações naturais retiradas das plantas e sementes do pantanal, criando novas tonalidades de cores tais como o ocre, marrom e preto pintando em geometria em suas obras.

Com um pouco de geometria Grega e o contraste de cores em tons de vermelho, roxo e azul.

Imagem 09: Traços iconográficos Kadwéu, Power point do autor.



*Obra: Monções
Spengler 1980*

Imagem 10: Movimento Guaicuru, Power point do autor.



*Nações Guaiçaras
Spengler 1987*

Imagem 11: Três nações Guaicuru, Power point do autor.



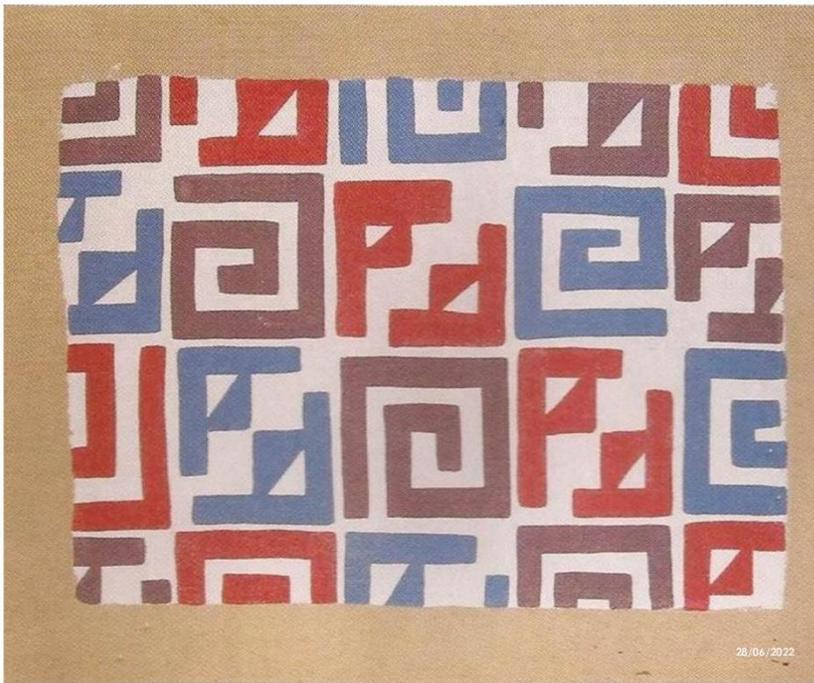
*Painel representações Guaiçara
Acerrog/ Memorial 2000*

Imagem 12: Paineis Memorial Henrique Spengler, Power point do autor.



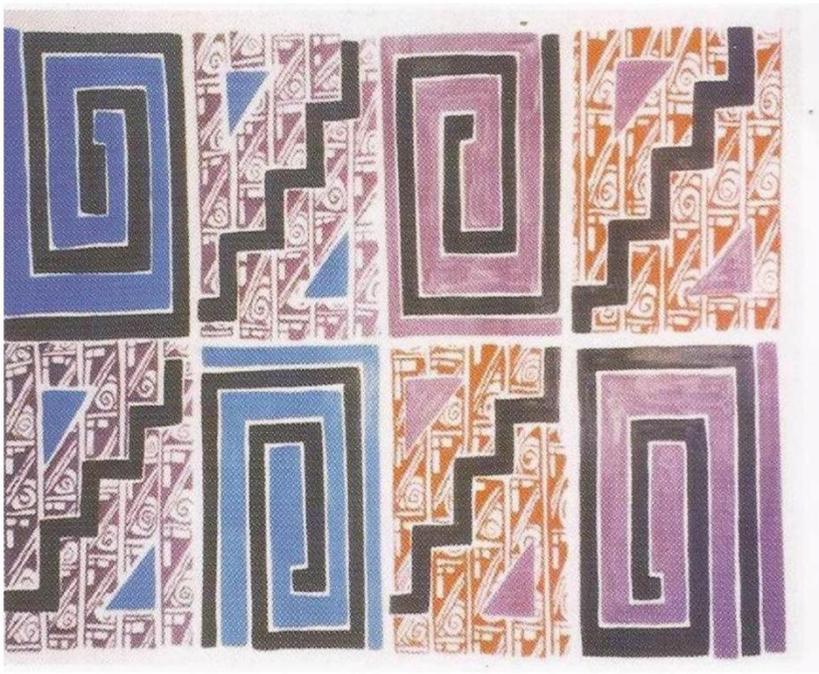
*Arte Kadiwéu
Spengler/1979*

Imagem 13: Arte Kadiwéu, Power point do autor.



*Arte Kadiwéu em Couro
Spengler/1989*

Imagem 14: Arte Kadiwéu em couro, Power point do autor.



Geometria Kadiwéu
Spengler/1978

Imagem 15: Geometria Kadiwéu, Power point do autor.



O Brasil é indígena
Spengler/2000

Imagem 16: O Brasil é indígena, Power point do autor.

Aula 03

O Memorial Henrique Spengler: Diálogos com a cultura Guaicuru



Foto 14: Memorial Henrique Spengler/Coxim-MS

Objetivos gerais

O objetivo dessas quatro aulas é apresentar aos estudantes o Memorial e Centro de Documentação Histórica Henrique Spengler, na região norte de Mato Grosso do Sul, que reabriu em 10 de dezembro de 2014, após reforma de suas instalações e trabalho de conservação curativa e preventiva de seus acervos. É composto por cerâmica, barro, pinturas sobre tela, entalhes em madeira, gravuras e objetos pessoais do artista plástico Henrique Spengler. A maioria das relíquias culturais listadas são criadas por artistas, mas também há obras coletadas por diferentes artistas. Após a morte de Henrique de Melo Spengler, em 20 de março de 2003, a casa do artista, também seu ateliê, foi doada por sua família à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Coxim, com a qual se tornou uma Memorial artístico para as suas obras.

O memorial dedicado à preservação, estudo e divulgação da arte de Spengler, especialmente inspirado nas artes da etnia Guaicuru que no passado habitaram o território

do atual Estado de Mato Grosso do Sul.

Também espera-se com essas aulas evidenciar a importância social que o Museu desempenha na sociedade como uma instituição que guarda e preserva a memória dos povos indígenas, a função dos Museus nos últimos anos foi revisando deixando de ser um espaço que guarda objetos passado a ser um espaço de preservação e democratização da memória cultural social.

Desenvolvimento da aula

Duração: Cerca de 03 aulas de 50 minutos (cada).
Organização dos alunos: visita guiada, aula de campo no espaço do Memorial Henrique Spengler
Recursos e/ou materiais necessários: Projetor, lousa; giz; cartolina; caneta hidrocor; lápis, borracha.
Sugestão de texto como referência: https://cpcx.ufms.br/memorial Visita Virtual do Memorial Henrique Spengler, disponível em: https://youtu.be/pL-liLL5b9c
Objetivos específicos: Conhecer a História da formação do Memorial Henrique Spengler e a importância social e histórica para a História de MS como um espaço de democratização da memória social cultural de MS.

Para a realização dessa aula será necessário um agendamento de visita prévio com a administração do Memorial Henrique Spengler e transporte escolar para os alunos até o espaço do Memorial.

Nestas três aulas o professor após agendamento prévio de horário de visita ao Memorial, chegando no local separará a turma em grupos de seis alunos para que entrem e percorram todo o espaço do Memorial, é interessante deixar os alunos livres para andar e ver todas as peças expostas dentro da instituição, após todos da turma terem percorrido todo o espaço, o professor pode reunir toda a turma no gramado da instituição nas sombras de uma goiabeira plantada pelo artista Spengler no passado e a onde ele realizava a produção de suas obras.

Todos os alunos acomodados no gramado o professor poderá inicialmente contar a História do espaço, falando do estilo arquitetônico da casa centenária e o porque da escolha de Spengler em adquirir o espaço para ser a sua residência e ateliê artístico.

É importante o professor estudar previamente a História arquitetônica do local para fornecer informações e curiosidades da casa centenária, após essa explicação o professor poderá começar a falar sobre a trajetória biográfica de Spengler, a sua participação no Movimento Cultural Guaicuru e o resgate da História e Cultura dos povos Guaicurus realizada por Spengler durante a sua vida.

Após essa fala, o professor poderá proporcionar um momento para que os alunos falem sobre as suas percepções dos vários espaços do Memorial fazendo que eles se recordem das aulas anteriores sobre a etnia Guaicuru, a biografia de Spengler e o Movimento Cultural Guaicuru.

Para finalizar a aula o professor poderá reservar um tempo para que os alunos possam contemplar mais os espaços do memorial fotografando com os seus celulares as peças e obras que mais lhes chamaram mais atenção, o professor poderá solicitar essas imagens e produzir um blog sobre as experiências da aula a partir das vivências e representações dos alunos durante as aulas.

Produto Final: Trilha do conhecimento Guaicuru

Ícones com personagens Guaicuru e dados para recortar:

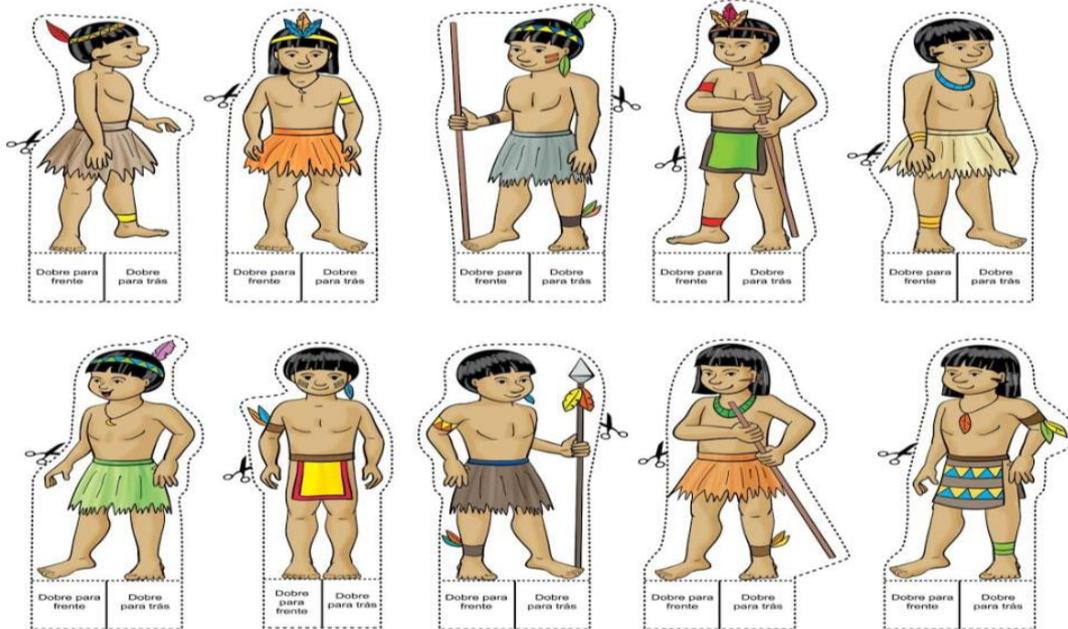


Imagem 17: Ícone indígena para recortar

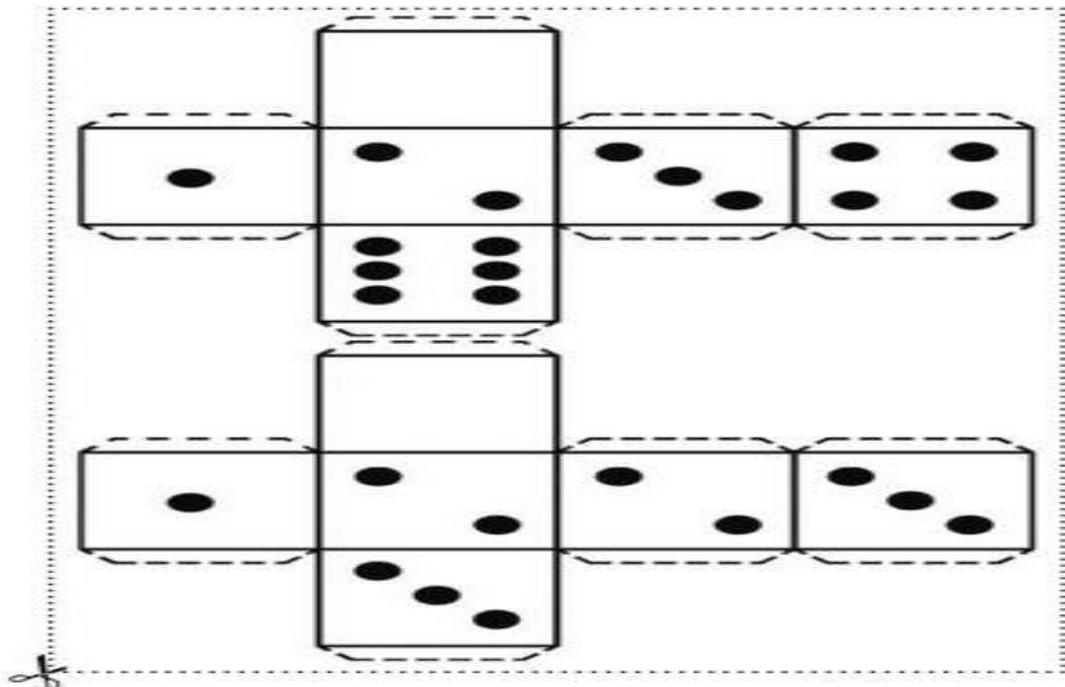


Imagem 18: Dado para recortar

Cartas com orientações de como jogar

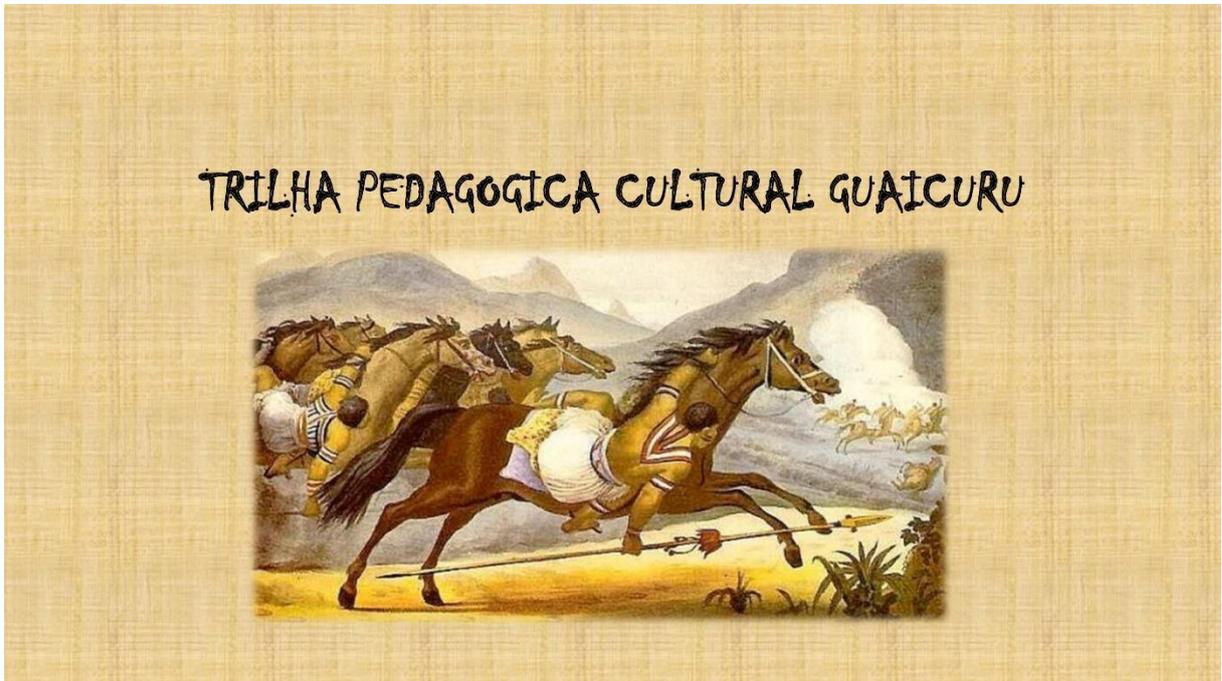


Imagem 19: Cavaleiro Guaicuru

Instruções de jogo

- 1º Sorteie um número no dado.
- 2º Avance o cavaleiro Guaicuru a quantidade de casas indicada.
- 3º Resolva a questão proposta Obs. (A pergunta deverá ser feita pelo jogador nº 02).
- A) Se acertar, avance as casas indicadas.
- B) Se errar, volte a quantidade de casas indicadas no desafio.
- 4º Vence quem chegar com o cavaleiro Guaicuru ao final primeiro.

Imagem 20: Orientações de como jogar

Desafio 01

Acerto: pule 03 casas

Erro: volte 02 casas

Os Guaicurus eram índios muito valentes que habitavam os estados do Mato Grosso do Sul, Goiás e no Paraguai na região do Chaco, o nome Guaicuru em tupi-guarani significa?

- A) Homem Temido
- B) Homem Guerreiro
- C) Homem Selvagem
- D) Homem Imortal



Imagem 21: Desafio 01

Desafio 02

Acerto: pule 02 casas

Erro: volte 03 casas

Os mitos que um povo conta sobre a própria origem costumam dar uma boa indicação de como ele se vê (e quer ser visto). E os guaicurus tinham sua própria história para justificar seu espírito guerreiro, relatada até hoje por seus descendentes, os kadiwéus de Mato Grosso do Sul. "Eles contam que o Criador –chamado de Gô-noêno-hôdi – tirou todos os povos de um ?

- A) Arco íris, e deu um poder a cada um deles.
- B) De um rio, e deu o poder de nadar como um peixe a cada um deles.
- C) De um buraco, e deu a cada um deles funções diferentes.
- D) De uma estrela cadente, e deu a cada um deles o poder de super velocidade.



Imagem 22: Desafio 02

Desafio 03

Acerto: pule 04 casas

Erro: volte 03 casas

Ao virarem cavaleiros, os guaicurus adotaram como arma principal a lança, muitas vezes com ponta de ferro, e reforçaram ainda mais seu domínio sobre as tribos da região. Povos como os guanás foram dominados, ancestrais dos atuais índios ?

- A) Kadiwéus
- B) Guató
- C) Terenas
- D) Paiaguás
- E) Kaiowá

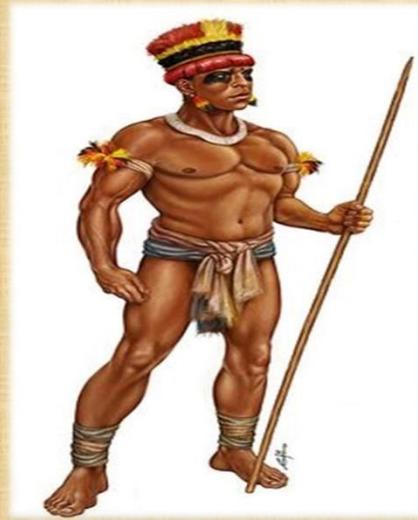


Imagem 23: Desafio 03

Desafio 04

Acerto: pule 03 casas

Erro: volte 04 casas

O artista Henrique Spengler (1958 - 2003) foi Diretor de Cultura da Prefeitura Municipal de Coxim, MS. Formou-se em Educação Artística pela FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado (1981) e era pós-graduado em História da Arte. Membro ativo de associações em favor da cultura indígena criou uma nova visão contemporânea ao reinventar imagens baseadas nas ?

- A) Abstrações das cerâmicas, couros e tatuagens da tribo Kadiweo-Mbayá, originária do Sudoeste de Mato Grosso do Sul.
- B) Abstrações das telas, tecidos e símbolos da tribo Marajoara, originária do norte do Estado do Amazonas.
- C) Abstrações em cerâmicas portuguesas e símbolos cristãos, originários de Portugal.
- D) Abstrações em tecido indígena retratando os símbolos das etnias Tupi-guarani, originários do sudeste brasileiro.
- E) Abstrações em pinturas em cerâmicas portuguesas retratando a cultura

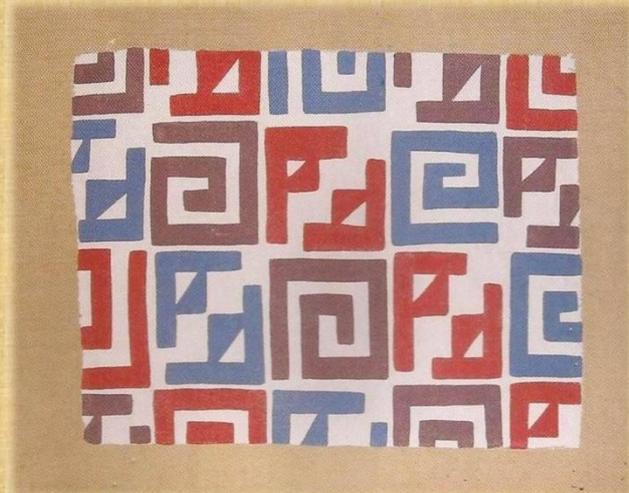


Imagem 24: Desafio 04

Desafio 05

Acerto: pule 04 casas

Erro: volte 02 casas

O Movimento Guaicuru teve uma ativa participação, desde sua criação em 1981, no quadro cultural do Estado recém criado de MS, promovendo fóruns e manifestos e estimulando discussões. O movimento incentivou a pesquisa sobre a cultura dos Guaicuru, tidos como um dos mais originais nativos brasileiros.

Qual era a ideia defendida pelo Movimento Cultural Guaicuru a respeito a identidade do novo Estado criado ?

- A) "Mato Grosso é o nosso Estado de direito, mas Karajá é o Estado de Espírito"
- B) "Rio Grande do Sul é o nosso Estado de direito, mas Tupi-guarani é o Estado de Espírito"
- C) "Mato Grosso do Sul é o nosso Estado de direito, mas Guaicuru é o Estado de Espírito"
- D) "Mato Grosso do Sul é o nosso Estado de direito, mas Terena é o Estado de Espírito"
- E) "Mato Grosso do Sul é o nosso Estado de direito, mas Kaiowá é o Estado de Espírito"



Imagem 25: Desafio 05

Desafio 06

Acerto: pule 05 casas

Erro: volte 03 casas

As gravuras e telas produzidas por Spengler inspiram-se na iconografia Kadiwêu, apresentando-se como uma releitura dos seus padrões geométricos e espirais, das cores recorrentes, além de outros elementos estéticos que fazem referência ao processo histórico desse grupo. Tais indígenas habitaram, e ainda habitam, a região de Porto Murtinho, à sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, e os seus antepassados são chamados de ?

- A) Mbayá-Kaiowá
- B) Mbayá-Kadiwêu
- C) Mbayá-Paiaguás
- D) Mbayá-Guató
- E) Mbayá-Guaicuru



Imagem 26: Desafio 06

Desafio 07

Acerto: pule 04 casas

Erro: volte 03 casas

O Memorial Henrique Spengler é um espaço de guarda e de conservação das obras e dos objetos pessoais do artista plástico Henrique de Melo Spengler. O Centro de Documentação em História do Memorial Henrique Spengler é um espaço de guarda e de preservação do acervo impresso deixado pelo artista plástico. São coleções de ?

- A) Filmes e fotografias das etnias indígenas de MS.
- B) Artefatos arqueológicos sobre os povos gregos e romanos.
- C) Livros, revistas, mapas, jornais, planejamentos de aulas, catálogos e folders de exposições artísticas e eventos culturais.
- D) Pinturas de artistas internacionais e poemas sobre a cultura indígena.
- E) Artefatos sobre a pré-história brasileira.



Imagem 27: Desafio 07

Desafio 08

Acerto: pule 03 casas

Erro: volte 04 casas

As gravuras e telas produzidas por Spengler inspiram-se na iconografia da etnia, apresentando-se como uma releitura dos seus padrões geométricos e espirais, das cores recorrentes, além de outros elementos estéticos que fazem referência ao processo histórico desse grupo. Tais indígenas habitaram, e ainda habitam, a região de Porto Murtinho, à sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, e os seus antepassados são chamados de Mbayá-Guaicuru.

Complete a lacuna com a etnia correta:

- A) Kaiowá
- B) Kinikinawá
- C) Paiaguás
- D) Kadiwéu
- E) Guató



Imagem 28: Desafio 08

Desafio 09

Acerto: pule 05 casas

Erro: volte 04 casas

Encantado pela riqueza da iconografia dos Kadiwéus, últimos remanescentes dos guaicurus, Spengler, que a chamava de abstracionismo nativista, começou a reproduzir em suas obras:

- Elementos formais que não se desviassem dos originais grafismos nativos, mesmo utilizando suportes e materiais contemporâneos.
- Elementos informais que não se desviassem dos originais abstracionismos nativos, mesmo utilizando suportes e materiais contemporâneos.
- Elementos formais que não se desviassem dos originais grafismos urbanos, mesmo utilizando suportes e materiais contemporâneos.
- Elementos formais que não se desviassem das originais pinturas, mesmo utilizando suportes e materiais arcaicos.
- Elementos formais que não se desviassem das originais fotografias, mesmo utilizando suportes e materiais contemporâneos tais como imagens digitais.



Desafio 29: Desafio 29

Desafio 10

Acerto: pule 03 casas

Erro: volte 05 casas

As artes plásticas de Henrique Spengler são obras de caráter experimental e conceitual, quais cores são mais presentes nas obras do artista plástico Spengler ?

- Ocre, azul, vermelho e laranja.
- Ocre, marrom, branco e azul.
- Ocre, marrom e preto.
- Ocre, marrom e verde.
- Ocre, verde e preto.



Imagem 30: Desafio 10



Imagem 31: Jogo Trilha do conhecimento Guaicuru

CONCLUSÕES

Este texto dissertativo teve como objetivo conhecer, descrever e analisar as aulas de História indígena nos 8º anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal Estudante William Tavares de Oliveira no distrito de Silviolândia em Coxim/MS.

Com o foco nos métodos específicos de ensino e aprendizagem da História indígena dos alunos a partir das suas vivências e representações nas aulas de História desenvolvidas pelo professor do componente curricular e graças aos avanços da legislação vigente a partir do movimento indígena que lutou por reconhecimento de sua História no Ensino de História do Estado brasileiro.

Também este trabalho procurou mediante um levantamento biográfico e historiográfico do percurso histórico percorrido pelo artista plástico Henrique de Melo Spengler, demonstrar através das artes visuais a representação de personagens que exerceram forças dentro da sociedade cultural sul-mato-grossense.

Desde o começo de sua carreira artística Henrique de Melo Spengler foi um homem que contribuiu para o desenvolvimento da cultura regional do recém criado Estado de Mato Grosso do Sul, como Spengler sempre dizia: “A originalidade é a afirmação da identidade.” Inclusive pelo fato do artista se sentir o próprio Guaicuru.

Neste trabalho abordei aspectos das artes visuais, herança cultural indígena e de sua trajetória como militante do movimento cultural guaicuru deixados após a sua morte, o artista Henrique de Melo Spengler foi um grande promotor da construção de uma identidade cultural indígena de Mato Grosso do Sul a partir da divisão dos estados de (MT-MS, 1977-1979).

Ao falar das artes visuais do artista Spengler, neste trabalho procurei fundamentar nos percursos históricos percorrido pelo artista, caminhos que levaram a criação do movimento cultural guaicuru, a efervescência cultural que ele e outros artistas tiveram durante o período de vigência do movimento, também a sua produção artística que se tornou o seu grande legado e uma grande herança cultural para a História regional de Mato Grosso do Sul. Spengler imortalizou a cultura Guaicuru nos espaços de memória do Estado que tinha como referência o simbolismo do gado como símbolo do novo Estado.

Este percurso é entendido como produto artístico característico de uma região que, por sua vez, relaciona-se com o que foi elaborado como sendo a identidade local, as artes de

Spengler fazem parte da História de Coxim, procurei abordar neste trabalho a trajetória do artista Spengler no município de Coxim, a sua militância cultural como diretor de cultura de Coxim e a organização de um acervo bibliográfico e artístico que posteriormente se tornaria o seu memorial e uma instituição museológica referência regional.

É necessário salientar que, as artes visuais em Mato Grosso do Sul, nas últimas décadas ocuparam uma posição de destaque no cenário cultural do estado e fora dele, principalmente na área da pintura.

O estudo sobre as artes visuais de Spengler, com suporte teórico dos estudiosos da cultura nos proporcionou entender o processo histórico do sujeito e da formação da memória e identidade Sul-mato-grossense, por meio das artes de Spengler se percebeu a técnica do fazer artístico e as novas formas de expressões utilizadas para idealizar concepções políticas e culturais do movimento cultural guaicuru.

O artista plástico Henrique Spengler foi um artista visual protagonizou a busca de respostas sobre a identidade cultural do Estado de Mato Grosso do Sul e foi responsável por pesquisar os fenômenos estéticos das raízes indígenas dos povos Guaicuru.

Após a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, em 1977, houve vários questionamentos pela busca da construção da cultura e identidade do Estado, dos setores da cultura correspondente a este novo Estado, visto que estes setores se depararam com a necessidade de identificar valores culturais.

Spengler participou ativamente para que a construção da História do ponto de vista artístico cultural de MS encontrasse elementos que revelassem sua relação com o Estado, com ícones e cores da arte dos povos Guaicuru, nação indígena que foram importantes para a construção da identidade do Estado, considerando que a nação Guaicuru foi um povo guerreiro, lutador, e símbolo de resistência principalmente na região dos sul-mato-grossenses.

Neste sentido, este trabalho teve a proposta de analisar e verificar as obras de Henrique de Melo Spengler, as relações existentes entre a identidade dos sul-mato-grossenses e os índios Guaicurus e as aulas de História indígena desenvolvidas nos 8º anos da Escola Municipal Estudante William Tavares de Oliveira, resultando em um produto final “Trilha pedagógica cultural Guaicuru”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). Usos e abusos da história oral. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMARILHA, Carlos Magno Mieres. O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul e a construção de uma identidade sul-mato-grossense. Campo Grande: Ed: UCDB; p.01 In: TCC Aline Cana Verde Xavier.

ALBERTI, Verena. Fontes Orais História dentro da História pg.167. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. 2, ed.São Paulo: Contexto, 2010.

AZAMBUJA, Tânia Mara de Cássia Rodrigues. Henrique Spengler/Mary Slessor. Dourados: Edição do Autor, 2007 (coleção arte regional).

BATISTA, R. da C.; OLIVEIRA, J. E. de; RODRIGUES, S. de F. P. Sequência didática—ponderações teórico-metodológicas. Disponível em https://www.ufmt.br/endipe2016/downloads/233_9937_37285.pdf. Acessado em 25 de maio de 2022, às 16h22.

BATTISTONI FILHO, Duílio. Pequena história da arte. 3. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1987.

BERGER, John. Modos de ver. Trad. Lúcia Olinto. – Rio de Janeiro:Rocco, 1999.

BESSA-OLIVEIRA; ANTÔNIO, Marcos. Ensino de Artes x Estudos Culturais: para além dos murosda escolas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BITTAR, Marisa. Mato Grosso do Sul, a construção de um estado. Vol. 1. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009.p18.

BRASIL. Estatuto da Unidade Guaicuru de Cultura. Diário Oficial de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, n. 1389, p. 28, 15 ago. 1984.

CERTEAU, Michel. A Escrita da História. Tradução de Maria de Lurdes Menezes – Rio de Janeiro: Forense Universitária.1982.

Henrique de Melo Spengler Marcos Paulo Carlitos Porto Murtinho História e Cultura. Coxim-MS 2000. p.20.

Henrique de Melo Spengler; Marcos Paulo Carlitos. Porto Murtinho História e Cultura Coxim-MS 2007. p.11.

CAMPESTRINI, Hidelbrando. Panfleto da XII mostra de artes plásticas Guaicuru de 18 de Outubro/96, p. 11.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FIGUEIREDO, Jonir. Artista plástico de MS. Panfleto da XII mostra de artes plásticas Guaicuru de 18 de Outubro/96.

Revista MS Cultura Título Herança Cultural nº 9 - ano V – 2º semestre de 1996.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010. p. 186.

RODRIGUES, Idara Negreiros Duncan . Centro de Documentação Histórica da Região Norte de Mato Grosso Sul/Memorial Henrique de Melo Spengler (CDHRM) 1997. p 18.

ROSA, Maria da Glória Sá. Panfleto da X Mostra Guaicuru de Artes Plásticas Dez/94.

ROSA, Maria da Glória Sá. Centro de Documentação Histórica da Região Norte de Mato Grosso do Sul/Memorial Henrique de Melo Spengler (CDHRM) 1996. p 18.

ROSA, Maria da Glória Sá; MENEGAZZO, Maria Adélia; RODRIGUES, Idara n. Duncan. Memória da arte em Mato Grosso do Sul: histórias de vida. Maria Adélia Menegazzo, Idara N. Duncan Rodrigues. Campo Grande, MS: UFMS/CECITEC, 1992.

ROSA, Maria da Gloria Sá. Panfleto da IX mostra de artes plásticas. Caixa Fundação e Uso do Termo Guaicuru. Centro de Documentação Histórica da Região Norte de Mato Grosso do Sul/Memorial Henrique de Melo Spengler (CDHRM) 1992. p. 10.

SPENGLER, Henrique de Melo.Guaicuru. *Mais Saber*. Revista de Educação de Mato Grosso do Sul, nº 3,1999; p. 06.In:Aline Cana Verde (TCC) p. 23.

VESENTINI, Carlos Alberto. A Teia do Fato. Uma proposta de estudo sobre a Memória Histórica. Editora HUCITEC, História Social, USP. São Paulo, 1997. p. 17.